

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ALINE LETÍCIA TRINDADE ROSA

*A REVISTA CLUBE CURITIBANO E A INVISIBILIDADE DA EDUCAÇÃO DOS
NEGROS NO CONTEXTO SIMBOLISTA*

PONTA GROSSA
2026

ALINE LETÍCIA TRINDADE ROSA

A REVISTA CLUBE CURITIBANO E A INVISIBILIDADE DA EDUCAÇÃO DOS
NEGROS NO CONTEXTO SIMBOLISTA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Doutorado em Educação, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, na linha de pesquisa: História e Políticas Educacionais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Isabel Moura Nascimento

PONTA GROSSA

2026

R788 Rosa, Aline Letícia Trindade
A Revista Clube Curitibano e a invisibilidade da educação dos negros no contexto simbolista / Aline Letícia Trindade Rosa. Ponta Grossa, 2026.
100 f.

Tese (Doutorado em Educação - Área de Concentração: Educação),
Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Isabel Moura Nascimento.

1. Imprensa. 2. Educação. 3. Exclusão racial. 4. Simbolismo. 5. Revista Clube Curitibano. I. Nascimento, Maria Isabel Moura. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Educação. III.T.

CDD: 370.981

FOLHA DE APROVAÇÃO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - Bairro Uvaranas - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR - <https://uepg.br>

TERMO

ALINE LETÍCIA TRINDADE ROSA

A REVISTA CLUBE CURITIBANO E A INVISIBILIDADE DA EDUCAÇÃO DOS NEGROS NO CONTEXTO SIMBOLISTA

Ponta Grossa, 15 de maio de 2026.

Tese apresentada para obtenção do grau de Doutora no Curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Prof.^a Dr.^a Maria Isabel Moura Nascimento - UEPG (presidente)

Prof.^a Dr.^a Claudia Maria Petchak – UNESP

Prof. Dr. Flávio Ruckstadter -UENP

Prof. Dr. Joaquim Miranda Maloa - UniRovuma

Prof.^a Dr.^a Carina Alves da Silva Darcoletto - UEPG

Prof.^a Dr.^a Vera Lucia Martiniak- UEPG



Documento assinado eletronicamente por **Vera Lucia Martiniak, Professor(a)**, em 15/05/2026, às 17:43, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Carina Alves da Silva Darcoletto, Professor(a)**, em 18/05/2026, às 21:58, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Flávio Massami Martins Ruckstadter, Usuário Externo**, em 26/05/2026, às 14:10, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Isabel Moura Nascimento, Professor(a)**, em 26/05/2026, às 18:01, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Maria Petchak, Usuário Externo**, em 27/05/2026, às 13:02, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Joaquim Miranda Maloa

A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.uepg.br/autenticidade> informando o código verificador 3085399 e o código CRC 7F46E366.

*Aos meus pais, Celso e Nazira, pelo amor incondicional,
pelos ensinamentos e por serem o alicerce de todas as
minhas conquistas.*

*À minha afilhada, Maria Lídia, por suas mãos sempre
estendidas, pelo carinho e pela força que me ajudaram a
seguir em frente nos momentos mais desafiadores.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a *Deus*, presença constante em minha caminhada, por ter me concedido discernimento, fé e, sobretudo, paciência para trilhar este árduo caminho. Em meio às incertezas, foi na fé que encontrei refúgio, coragem e esperança. Quando as forças pareciam escassas e os passos se tornavam pesados, foi a confiança em Seus desígnios que me sustentou e me permitiu continuar. Cada página escrita carrega, silenciosamente, a marca dessa força invisível que me guiou até aqui.

Aos meus pais, *Celso e Nazira*, minha eterna gratidão por acreditarem em meu potencial mesmo quando eu mesma duvidei dele. Vocês foram a base sólida sobre a qual construí minha trajetória. Cada palavra de incentivo, cada gesto de cuidado e cada demonstração de amor foram fundamentais para que eu não desistisse. Esta conquista carrega o esforço, o amor e a esperança que vocês depositaram em mim desde o início.

Em especial, à minha afilhada *Maria Lídia*, que segurou minhas mãos em cada obstáculo e, com sua presença afetuosa, ajudou-me a superar momentos de fraqueza e desânimo. Seu apoio foi luz em muitos dias nublados, e sua confiança em mim reacendeu forças que, por vezes, eu acreditava não possuir mais.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), expresso minha profunda gratidão pela oportunidade de realizar esta pesquisa e concluir minha formação em nível de doutorado. Agradeço, de modo especial, à política de ações afirmativas, por meio do sistema de cotas, que tornou possível meu ingresso no Programa. Essa política representa um importante instrumento de democratização do acesso à pós-graduação, reafirmando o compromisso da universidade pública com a equidade, a justiça social e a ampliação das oportunidades para grupos historicamente excluídos da produção do conhecimento.

À minha orientadora, *Professora Maria Isabel Moura Nascimento*, expresso meu sincero agradecimento. Sua confiança, seus apontamentos e sua generosidade intelectual foram fundamentais para que esta pesquisa se tornasse possível.

Aos membros da Banca Examinadora de qualificação e defesa desta tese, *Prof.^a Dr.^a Carina Alves da Silva Darcoletto (UEPG)*, *Prof.^a Dr.^a Claudia Maria Petchak*

(UNESPAR), Prof. Dr. Flávio Ruckstadter (UENP), Prof. Dr. Joaquim Miranda Maloa (UniRovuma) e Prof.^a Dr.^a Vera Lucia Martiniak (UEPG), agradeço pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos e por contribuírem, com atenção e sensibilidade, para o amadurecimento desta pesquisa. Cada contribuição, cada questionamento e cada posicionamento trouxeram novos olhares e fortaleceram os caminhos percorridos neste trabalho.

Reconheço que esta caminhada não foi simples. Houve momentos em que o cansaço falou mais alto, em que as dúvidas ecoaram com força e em que o medo de não conseguir parecia maior do que a própria esperança. Em muitos instantes, duvidei de mim mesma e de minha capacidade de chegar ao fim deste percurso. Foi preciso coragem para continuar e humildade para reconhecer a necessidade de pausar.

Houve momentos em que precisei parar para cuidar de mim, para reorganizar pensamentos e reconstruir forças. Essas pausas, embora difíceis, foram necessárias para que eu pudesse retornar mais consciente de meus limites e mais determinada a concluir esta etapa tão significativa em minha formação. Aprendi, ao longo deste percurso, que persistir não significa caminhar sem tropeços, mas encontrar forças para levantar-se após cada queda.

A todos que estiveram ao meu lado, mesmo nos momentos em que as palavras faltavam, deixo minha sincera gratidão. Aos que me fortaleceram quando as forças se esgotavam, aos que ofereceram apoio silencioso e aos que acreditaram em mim quando eu mesma hesitei. Cada gesto, cada palavra e cada demonstração de carinho fizeram diferença nesta jornada.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, caminharam comigo nesta trajetória. Aos que me deram suporte quando minhas forças vacilaram, aos que compreenderam meus silêncios e respeitaram minhas pausas, e aos que me lembraram, mesmo nos dias mais difíceis, que era possível continuar.

Esta conquista é resultado de resistência, fé e perseverança. Mais do que um título, ela representa uma história de luta, recomeços e coragem. A todos que fizeram parte desta caminhada, deixo registrada minha mais sincera e profunda gratidão.

RESUMO

Rosa, Aline Letícia Trindade. **A Revista Clube Curitibano e a invisibilidade da educação dos negros no contexto simbolista**. 2026. 113 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2026.

A tese investiga as contradições presentes na Revista Clube Curitibano (1890-1912), analisando seu papel na consolidação de um projeto educacional elitizado e na invisibilização da educação da população negra no Paraná. O estudo tem como objetivo geral identificar e discutir como os discursos veiculados pelo periódico, fortemente vinculados ao simbolismo, contribuíram para legitimar uma cultura erudita excludente. Como objetivos específicos, a pesquisa contextualiza o surgimento da imprensa no Brasil e no Paraná, analisa os conteúdos publicados na revista e investiga o uso do simbolismo como estratégia de distinção social e cultural. A pesquisa adota a perspectiva do materialismo histórico-dialético como fundamento teórico-metodológico, permitindo compreender a imprensa como espaço de disputa ideológica e reprodução das relações sociais. Trata-se de um estudo de natureza documental e bibliográfica, que utiliza, como fonte primária, os exemplares da Revista Clube Curitibano. A análise dos dados ocorre por meio da identificação de temas recorrentes, discursos e silêncios editoriais relacionados à educação e à presença da população negra. Os resultados evidenciam que a revista atuou como instrumento de afirmação cultural da elite curitibana, difundindo valores europeizados e promovendo um ideal de formação intelectual restrito a determinados grupos sociais. A investigação demonstra que, embora o periódico se apresentasse como promotor da cultura e da educação, seus conteúdos omitiram sistematicamente discussões sobre o acesso escolar da população negra, reforçando desigualdades herdadas do período pós-abolição. Conclui-se que a Revista Clube Curitibano desempenhou papel significativo na manutenção de uma educação seletiva e na naturalização de processos de exclusão social. O estudo contribui para ampliar a compreensão sobre o papel da imprensa na construção de discursos educacionais e evidencia como práticas culturais e literárias participaram da consolidação de desigualdades históricas que ainda repercutem na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Imprensa; Educação; Exclusão racial; Simbolismo; Revista Clube Curitibano; História da educação.

ABSTRACT

Rosa, Aline Letícia Trindade. **The Clube Curitibano Magazine and the Invisibility of Black Education in the Symbolist Context**. 2026. 113 p. Thesis (Doctorate in Education) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2026.

This thesis investigates the contradictions present in the *Clube Curitibano Magazine* (1890–1912), analyzing its role in consolidating an elitist educational project and in promoting the invisibility of Black education in the state of Paraná. The study aims, as its general objective, to identify and discuss how the discourses conveyed by the periodical, strongly linked to Symbolism, contributed to legitimizing an exclusionary erudite culture. As specific objectives, the research contextualizes the emergence of the press in Brazil and in Paraná, analyzes the contents published in the magazine, and investigates the use of Symbolism as a strategy for social and cultural distinction. The research adopts the perspective of historical-dialectical materialism as its theoretical and methodological foundation, allowing the press to be understood as a space of ideological dispute and reproduction of social relations. This study is documentary and bibliographic in nature, using the issues of the Clube Curitibano Magazine as the primary source. Data analysis is conducted through the identification of recurring themes, discourses, and editorial silences related to education and the presence of the Black population. The results demonstrate that the magazine functioned as an instrument of cultural affirmation for Curitiba's elite, disseminating Europeanized values and promoting an ideal of intellectual formation restricted to specific social groups. The investigation reveals that, although the periodical presented itself as a promoter of culture and education, its contents systematically omitted discussions regarding educational access for the Black population, reinforcing inequalities inherited from the post-abolition period. It is concluded that the Clube Curitibano Magazine played a significant role in maintaining selective education and in naturalizing processes of social exclusion. The study contributes to expanding the understanding of the role of the press in shaping educational discourses and highlights how cultural and literary practices participated in the consolidation of historical inequalities that still resonate in contemporary society.

Keywords: Press; Education; Racial Exclusion; Symbolism; Clube Curitibano Magazine; History of Education.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – *Gazeta do Rio de Janeiro*, oficialmente o primeiro jornal publicado no Brasil. Número 1, 10 de setembro de 1808 **20**
- Figura 2** – Primeiro número do *Correio Braziliense* (1808), editado na Inglaterra por Hipólito José da Costa **21**
- Figura 3** – Capa da primeira edição da *Revista Clube Curitibano* **50**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. O SURGIMENTO DA IMPRENSA NO BRASIL E NO PARANÁ: UM OLHAR SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS	21
1.1 O papel da imprensa no Estado do Paraná	25
1.2 Chegada da imprensa ao Paraná: a consolidação de uma elite intelectual em Curitiba	28
2. A REVISTA CLUBE CURITIBANO (1890–1912): IMPRENSA, ELITE E PRODUÇÃO DE HEGEMONIA CULTURAL	36
2.1 Imprensa, modernização e produção cultural no Brasil Republicano: bases históricas para a emergência da <i>Revista Clube Curitibano</i>	36
2.2 Modernização urbana e formação das elites letradas em Curitiba	38
2.3 A gênese da <i>Revista Clube Curitibano</i>: inserção histórica e materialidade do periódico	39
2.4 Periodização histórica da <i>Revista Clube Curitibano</i> (1890–1912): continuidades, rupturas e adaptações editoriais	40
2.4.1 Primeira fase (1890–1893): fundação do periódico e consolidação da sociabilidade elitista	41
2.4.2 Segunda fase (1894–1900): reorganização editorial e manutenção da neutralidade discursiva	43
2.4.3 Terceira fase (1910–1912): reconfiguração editorial e adaptação às novas dinâmicas culturais	44
2.5 Síntese histórica da trajetória editorial: permanências e transformações	46
2.6 A <i>Revista Clube Curitibano</i> na historiografia: diálogos, aproximações e distinções analíticas	47
2.6.1 Aproximações e distanciamentos: o lugar desta pesquisa no campo historiográfico	48
2.7 A <i>Revista Clube Curitibano</i> na historiografia: diálogos, contribuições e avanços analíticos da pesquisa	49
3. O SIMBOLISMO COMO ESTRATÉGIA SOCIAL: DISTINÇÃO CULTURAL E PROJETO EDUCATIVO NA REVISTA CLUBE CURITIBANO	57
3.1 O Simbolismo para além da estética: circulação internacional e apropriação social.....	57
3.2 O simbolismo no Brasil: modernidade cultural e distinção intelectual	58
3.3 O Simbolismo no Paraná: redes intelectuais, distinção cultural e silenciamento social	59
3.3.1 Intelectuais simbolistas paranaenses e a construção de uma elite cultural.....	62
3.3.2 Simbolismo, educação e distinção cultural: a literatura como mediação ideológica	

	66
3.4 O Simbolismo como estratégia social na <i>Revista Clube Curitibano</i> : cultura, distinção e silenciamento racial	67
3.4.1 A presença do simbolismo na materialidade discursiva da <i>Revista Clube Curitibano</i>	69
3.5 O Simbolismo na <i>Revista Clube Curitibano</i>: circulação textual e distinção social	72
3.6 Ausência e silenciamento: a invisibilidade negra na produção simbolista	75
3.7 O Simbolismo como estratégia social: distinção cultural e silenciamento racial.....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICE A - ESTADO DO CONHECIMENTO	98

INTRODUÇÃO

A história da sociedade brasileira é marcada por profundas desigualdades econômicas, sociais e raciais, construídas ao longo de seu processo de formação histórica. Desde o período colonial, a organização política e econômica do país esteve sustentada em relações de exploração que privilegiaram determinados grupos sociais em detrimento de outros, consolidando estruturas de poder fundamentadas na concentração de riqueza, na escravidão e na exclusão do acesso aos bens culturais e educacionais. Nesse contexto, os mecanismos de produção intelectual e cultural assumiram papel central na legitimação das hierarquias sociais, contribuindo para a construção de discursos voltados à manutenção da ordem vigente.

Entre esses mecanismos, a imprensa ocupou posição de destaque. Mais do que simples meio de divulgação de informações, consolidou-se historicamente como espaço de produção ideológica, formação cultural e difusão de projetos políticos e educacionais. Os jornais e revistas não apenas registravam acontecimentos, mas participavam ativamente da construção de valores sociais, concepções de civilização, modelos de comportamento e identidades coletivas. Dessa forma, compreender a trajetória da imprensa brasileira implica reconhecer sua inserção nas disputas sociais e nas contradições inerentes à formação da sociedade capitalista.

Essa perspectiva exige considerar que os meios de comunicação não se desenvolvem de maneira neutra ou desvinculada das condições materiais de produção da sociedade. Conforme afirmam Marx e Engels (2007, p. 47), “as ideias dominantes de uma época sempre foram as ideias da classe dominante”, evidenciando que a produção cultural e intelectual está diretamente relacionada às relações de poder estabelecidas historicamente. A imprensa, nesse sentido, deve ser compreendida como espaço de circulação de discursos que expressam interesses sociais específicos e que atuam na construção de hegemonias culturais.

No Brasil, a imprensa surgiu oficialmente em 1808, com a transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro e a instalação da Imprensa Régia. Até então, a colônia era proibida de possuir tipografias ou periódicos impressos, medida que visava impedir a circulação de ideias consideradas ameaçadoras ao domínio português. O primeiro jornal impresso em território brasileiro, a Gazeta do Rio de Janeiro, possuía caráter essencialmente oficial, funcionando como veículo de

divulgação das ações do governo monárquico. Como observa Sodré (1966, p. 45), “a imprensa nasce, no Brasil, como um órgão do Estado, não como um instrumento da sociedade”.

Tal característica evidencia que a imprensa brasileira surgiu vinculada aos interesses das elites políticas e econômicas. A circulação de ideias estava restrita a pequenos grupos letrados, enquanto grande parcela da população permanecia excluída dos processos de produção cultural e intelectual. Essa exclusão tornava-se ainda mais significativa em uma sociedade escravista, marcada por profundas desigualdades raciais e pela negação sistemática do acesso à educação para a população negra.

Ao longo do século XIX, especialmente após a Independência de 1822, a imprensa expandiu-se gradativamente, acompanhando as transformações políticas e econômicas do país. Novos periódicos surgiram em diferentes regiões brasileiras, vinculados aos interesses das elites provinciais e aos debates em torno da construção do Estado nacional. Ainda assim, os jornais continuaram predominantemente associados aos grupos economicamente privilegiados, funcionando como espaços de representação política e cultural das classes dirigentes.

Nesse período, a imprensa assumiu também importante função pedagógica. Além de divulgar notícias, difundia valores morais, padrões de comportamento e ideais de progresso e civilização alinhados às referências culturais europeias. Conforme destaca Gramsci (2001), os meios culturais exercem papel decisivo na construção da hegemonia, pois contribuem para naturalizar determinadas concepções de mundo e consolidá-las como universais.

A relação entre imprensa e hegemonia torna-se ainda mais evidente no contexto republicano brasileiro. A Proclamação da República, em 1889, foi acompanhada pela disseminação de discursos que associavam modernização, urbanização e progresso ao fortalecimento da nova ordem política. A imprensa participou ativamente desse processo, funcionando como instrumento de difusão dos ideais republicanos e de construção simbólica de uma sociedade alinhada aos modelos civilizatórios europeus.

Entretanto, o projeto republicano brasileiro constituiu-se de forma profundamente contraditória. Embora fundamentado em discursos de liberdade e modernidade, manteve estruturas sociais excludentes herdadas do período

escravista. A abolição da escravidão, ocorrida em 1888, não foi acompanhada por políticas públicas capazes de garantir a inserção social da população negra.

A exclusão da população negra do acesso à educação, ao trabalho e aos espaços de representação cultural não ocorreu de maneira espontânea. Tratou-se de um processo historicamente construído, sustentado por mecanismos sociais e simbólicos que contribuíram para invisibilizar a presença negra na formação da sociedade brasileira. Nesse cenário, a imprensa desempenhou papel fundamental ao selecionar os sujeitos, temas e discursos considerados legítimos para compor o projeto nacional republicano.

Munanga (2004, p. 98) afirma que “o silêncio em torno da presença negra constitui uma forma eficaz de exclusão simbólica”. Tal invisibilização manifestava-se não apenas pela ausência de representações positivas da população negra, mas também pela construção de uma identidade nacional fortemente associada à branquitude, à cultura europeia e aos ideais de civilização difundidos pelas elites urbanas.

No Paraná, esse processo assumiu características específicas relacionadas à própria constituição histórica da região. Emancipado politicamente de São Paulo em 1853, o estado passou a construir uma identidade regional vinculada ao progresso econômico, à urbanização e à imigração europeia. O desenvolvimento da economia ervateira favoreceu o fortalecimento de uma elite local interessada em consolidar símbolos de distinção cultural e social capazes de inserir Curitiba no imaginário das cidades modernas e civilizadas.

A imprensa paranaense acompanhou esse movimento. O periódico *O Dezenove de Dezembro*, fundado em 1854, representou uma das primeiras iniciativas voltadas à construção de uma identidade política e cultural para a nova província. Nas décadas seguintes, Curitiba consolidou-se como importante centro editorial e intelectual, reunindo jornais, revistas e associações culturais vinculados às elites urbanas.

O crescimento urbano da capital paranaense, especialmente entre o final do século XIX e o início do século XX, favoreceu a criação de espaços de sociabilidade elitizada, como clubes sociais, associações literárias e periódicos culturais. Esses ambientes funcionavam como locais privilegiados de circulação intelectual e afirmação

simbólica das classes dirigentes, restringindo o acesso àqueles que compartilhavam determinados valores sociais, econômicos e culturais.

É nesse contexto que o simbolismo ganha destaque no Paraná. Oficialmente inaugurado no Brasil em 1893, com a publicação de Missal e Broquéis, de Cruz e Souza, o movimento simbolista caracterizava-se pela subjetividade, pela musicalidade, pelo espiritualismo e pela valorização estética. Em oposição ao racionalismo positivista e ao objetivismo realista-naturalista, os simbolistas buscavam uma literatura marcada pela transcendência e pela interioridade.

No Paraná, o simbolismo encontrou terreno fértil entre intelectuais ligados às elites urbanas. Nomes como Dario Vellozo, Emiliano Pernetta e Silveira Netto contribuíram para transformar Curitiba em um dos principais centros simbolistas do país. Entretanto, a apropriação do simbolismo pela elite paranaense ultrapassava os limites estritamente literários. Ao aproximar-se de modelos culturais europeus, o movimento funcionava também como instrumento de distinção social e afirmação intelectual.

A imprensa simbolista exerceu papel fundamental nesse processo. Revistas e jornais literários tornaram-se espaços privilegiados de divulgação de ideais culturais associados ao refinamento estético, à erudição e à modernidade. Mais do que publicações literárias, esses periódicos difundiam concepções de educação, cultura, comportamento e pertencimento social alinhadas aos interesses das elites urbanas.

Entre essas publicações destaca-se a *Revista Clube Curitibano*, periódico vinculado ao Clube Curitibano e publicado entre os anos de 1890 e 1912. A revista reunia poemas, ensaios filosóficos, textos literários, notas sociais e anúncios comerciais, constituindo-se como importante espaço de produção cultural da elite curitibana. Desde suas primeiras edições, apresentava-se como veículo de “instrução” e “recreio”, assumindo explicitamente uma função educativa e civilizadora.

Todavia, a educação defendida pela *Revista Clube Curitibano* não possuía caráter universal. Tratava-se de uma concepção elitizada de formação intelectual, associada à cultura erudita, à sociabilidade privada e aos valores europeizados que orientavam os projetos republicanos de modernização. O acesso ao conhecimento aparecia relacionado à participação em círculos intelectuais e espaços exclusivos de

convivência, reforçando a ideia de que cultura e educação constituíam privilégios restritos às elites urbanas.

Enquanto difundia valores associados ao progresso, à civilidade e ao refinamento cultural, a revista silenciava sistematicamente as experiências da população negra. Não havia espaço significativo para discutir as dificuldades enfrentadas pelos negros recém-libertos em relação ao acesso à educação, ao trabalho ou à cidadania. Tal silêncio não pode ser compreendido como simples ausência editorial, mas como expressão de um projeto cultural e educacional excludente.

Nesse sentido, o levantamento realizado no estado do conhecimento evidencia que, embora existam pesquisas voltadas à imprensa, à imprensa negra e aos periódicos culturais brasileiros, ainda são escassos os estudos que analisam criticamente os mecanismos de invisibilização racial presentes na imprensa paranaense. A ausência de investigações que articulem a *Revista Clube Curitibano* às discussões sobre exclusão social, educação elitizada e apagamento da população negra reforça a relevância desta pesquisa, que busca compreender como os discursos veiculados pelo periódico contribuíram para a consolidação de uma cultura letrada restrita às elites urbanas no contexto republicano.

O estado do conhecimento constitui-se como uma etapa fundamental da pesquisa acadêmica, pois permite identificar, mapear e analisar a produção científica já existente sobre determinado tema, evidenciando tendências investigativas, lacunas teóricas e possibilidades de aprofundamento. O estado do conhecimento possibilita compreender como determinado objeto vem sendo tratado no campo científico, contribuindo para a delimitação do problema de pesquisa e para a identificação de aspectos ainda pouco explorados. Nesse sentido, o levantamento realizado nesta tese teve como finalidade reconhecer as produções acadêmicas relacionadas à imprensa, à imprensa negra e à *Revista Clube Curitibano*, de modo a evidenciar a originalidade da investigação proposta.

Propomos construir um trabalho que apresente como fonte primária a imprensa, consolidada na *Revista Clube Curitibano*. No entanto, para categorizar o ineditismo da pesquisa, este estudo, de cunho documental e bibliográfico, contou com o estado do conhecimento para o mapeamento de pesquisas de pós-graduação, dissertações e teses, a fim de reconhecer o material já estudado. Para esse levantamento de dados,

utilizou-se a base de pesquisas da CAPES e a Plataforma Sucupira, empregando como mecanismos de busca os termos: “imprensa”, “imprensa negra” e “Revista Clube Curitibano”, associados à palavra-chave “educação”, utilizada como filtro temático.

O estado do conhecimento realizado nas bases da CAPES e da Plataforma Sucupira identificou 32 estudos que abordam os temas imprensa, imprensa negra e Revista Clube Curitibano. Desses, 20 correspondem a dissertações de mestrado e 12 a teses de doutorado. As pesquisas elencadas não estão distribuídas de maneira uniforme pelo território nacional. A maioria dos estudos foi desenvolvida nas regiões Sul e Sudeste, enquanto o Nordeste e o Centro-Oeste apresentam menor volume de produções acadêmicas sobre o tema.

As universidades que abrigam essas pesquisas estão entre as principais instituições de ensino e pesquisa do Brasil. Entre as instituições com maior número de publicações destacam-se, na Região Sul: Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Na Região Sudeste: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Na Região Nordeste: Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Na Região Centro-Oeste: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

O levantamento revela que as instituições de ensino do Sul e Sudeste são responsáveis pela maior parte das pesquisas sobre imprensa e imprensa negra, enquanto as universidades do Nordeste e Centro-Oeste possuem menor representação. As pesquisas identificadas exploram diferentes fontes primárias e materiais analisados. Muitas delas utilizam periódicos históricos, arquivos de imprensa e documentos de acervos institucionais como fontes principais para a construção das análises. A abordagem documental permite compreender os papéis desempenhados pela imprensa na formação da opinião pública, na representação social e na luta pelos direitos da população negra.

Uma parcela significativa dos estudos concentra-se na imprensa negra e em sua contribuição para a resistência cultural e política. Outra vertente importante

envolve a análise da educação no contexto da imprensa, investigando como jornais e revistas influenciaram debates educacionais e narrativas sobre ensino e escolarização. As abordagens metodológicas evidenciam a combinação de referenciais historiográficos, sociológicos e educacionais, permitindo leituras multidisciplinares sobre os impactos da imprensa ao longo do tempo.

As pesquisas evidenciadas destacam a importância da imprensa na construção de discursos educacionais, utilizando abordagens metodológicas variadas e fontes documentais históricas. Entretanto, não foi identificada nenhuma investigação que tratasse especificamente do tema central desta tese, o que reforça sua contribuição inédita para a área. A análise dos estudos revela que grande parte das pesquisas se dedica à imprensa negra como instrumento de resistência cultural e política, evidenciando sua importância na luta pela cidadania e pela valorização da identidade afro-brasileira. Outro conjunto de pesquisas concentra-se na análise da educação a partir de jornais e revistas, buscando compreender como o debate educacional foi veiculado na imprensa em diferentes períodos históricos.

A análise conduzida parte do entendimento de que a *Revista Clube Curitibano* não pode ser lida apenas como veículo literário, mas como agente ativo na conformação de um projeto educacional e cultural seletivo. O simbolismo, ao ser apropriado pela elite curitibana, funcionou como estratégia de distinção e disseminação de valores que reforçavam a exclusividade do acesso à educação. Assim, a tese que se defende é a de que a *Revista Clube Curitibano* foi instrumento para a manutenção de uma educação elitizada, utilizando o simbolismo como recurso de legitimação cultural. O periódico consolidou discursos que invisibilizaram a população negra, apagando sua presença dos debates educacionais e perpetuando desigualdades que atravessaram o século XX e ainda ecoam no presente. Nesse sentido, torna-se fundamental compreender o contexto histórico, político e cultural em que a revista foi produzida, bem como os mecanismos simbólicos utilizados para sustentar tais processos de exclusão.

A invisibilização da presença negra nos discursos da *Revista Clube Curitibano* constitui elemento central desta investigação. Parte-se da compreensão de que o periódico atuou como instrumento de hegemonia cultural das elites curitibanas, articulando imprensa, simbolismo e educação na legitimação de um modelo elitizado de formação intelectual e exclusão racial.

Dessa forma, o problema central desta pesquisa consiste em compreender como os discursos produzidos pela *Revista Clube Curitibano* contribuíram para consolidar um projeto educacional excludente no Paraná entre os anos de 1890 e 1912, invisibilizando a população negra em um contexto marcado pelas contradições do pós-abolição.

A tese defendida sustenta que a *Revista Clube Curitibano* funcionou como instrumento de manutenção da hegemonia cultural das elites urbanas curitibanas, utilizando o simbolismo e a imprensa como estratégias de legitimação de uma educação elitizada e de apagamento simbólico da população negra.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar as contradições presentes na *Revista Clube Curitibano*, investigando de que maneira seus discursos contribuíram para a invisibilização da educação da população negra no Paraná republicano.

Como objetivos específicos, busca-se contextualizar historicamente o desenvolvimento da imprensa no Brasil e no Paraná; compreender a relação entre simbolismo e distinção cultural na sociedade curitibana; analisar os discursos educacionais presentes na *Revista Clube Curitibano*; identificar os mecanismos de silenciamento relacionados à população negra; e investigar de que forma o periódico contribuiu para a legitimação de desigualdades sociais, educacionais e raciais.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa fundamenta-se no materialismo histórico-dialético, perspectiva teórica que compreende os fenômenos sociais como produtos históricos constituídos nas relações de classe, nas disputas de poder e nas contradições inerentes à sociedade capitalista. A partir dessa abordagem, a imprensa é entendida não apenas como veículo de informação ou manifestação cultural, mas como espaço de produção, circulação e legitimação de ideologias que expressam interesses sociais específicos. Nesse sentido, os periódicos atuam como instrumentos capazes de consolidar projetos políticos, culturais e educacionais alinhados às classes dominantes, ao mesmo tempo em que silenciam ou marginalizam determinados grupos sociais.

Essa perspectiva metodológica permite compreender a *Revista Clube Curitibano* inserida em um contexto histórico marcado pelas transformações do período republicano, pela consolidação das elites urbanas e pela difusão de ideais de modernidade, civilização e progresso. A análise dialética possibilita investigar como os discursos presentes no periódico articulavam valores culturais e educacionais

associados à construção de uma identidade elitizada e europeizada para a sociedade paranaense, contribuindo para processos de exclusão simbólica da população negra e das camadas populares.

Além disso, o materialismo histórico-dialético oferece instrumentos para analisar as relações entre cultura, educação e hegemonia, considerando que os discursos produzidos pela imprensa não são neutros, mas atravessados por interesses políticos e sociais. Dessa forma, a pesquisa busca identificar como determinadas representações culturais foram naturalizadas e legitimadas no interior da revista, especialmente aquelas relacionadas à ideia de refinamento intelectual, progresso moral e distinção social.

Tal perspectiva possibilita analisar não apenas os conteúdos explícitos presentes na revista, mas também os silêncios, as ausências e os mecanismos simbólicos que estruturam seus discursos. A investigação dos não ditos, das invisibilizações e das formas sutis de exclusão torna-se fundamental para compreender como a imprensa cultural participou da manutenção das desigualdades raciais e sociais no contexto pós-abolição. Assim, a análise metodológica proposta busca evidenciar que os processos de apagamento da população negra não ocorreram apenas por meio de discursos abertamente discriminatórios, mas também por meio da ausência de representação, da seleção temática e da valorização de determinados modelos culturais em detrimento de outros.

A escolha desse referencial teórico-metodológico justifica-se pela necessidade de se compreender os fenômenos culturais em sua historicidade concreta. Como afirma Saviani (2008, p. 23), “a educação não é neutra; ela participa da produção e reprodução das estruturas sociais existentes”. Nesse sentido, a análise da *Revista Clube Curitibano* exige considerar as relações entre cultura, imprensa, educação e poder no contexto republicano paranaense.

A relevância desta investigação manifesta-se, inicialmente, em seu caráter inédito. Embora existam pesquisas sobre imprensa paranaense, simbolismo e relações raciais, poucos estudos analisaram de forma integrada as relações entre produção cultural simbolista, discursos educacionais e invisibilização da população negra na *Revista Clube Curitibano*.

Além disso, a pesquisa contribui para ampliar os estudos sobre história da educação e história da imprensa no Paraná, evidenciando como os discursos culturais

participaram da construção de desigualdades sociais e raciais. Ao problematizar os silenciamentos presentes na imprensa simbolista, o estudo busca colaborar para a construção de uma memória histórica mais crítica e socialmente comprometida.

A investigação possui ainda relevância social e política. Em uma sociedade marcada pela permanência do racismo estrutural e das desigualdades educacionais, compreender os mecanismos históricos que contribuíram para a exclusão da população negra torna-se fundamental para a construção de análises críticas comprometidas com a transformação social.

Ao longo desta tese, buscar-se-á demonstrar que a *Revista Clube Curitibano* não pode ser compreendida apenas como periódico literário ou recreativo, mas como espaço de produção ideológica e construção de hegemonia cultural. A análise de seus discursos permite compreender como imprensa, simbolismo e educação articularam-se na consolidação de um projeto social elitizado que contribuiu para a invisibilização da população negra no Paraná republicano.

1. O SURGIMENTO DA IMPRENSA NO BRASIL E NO PARANÁ: UM OLHAR SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS

O surgimento da imprensa no Brasil constitui um marco decisivo para a compreensão do processo de formação da sociedade brasileira e de sua inserção nos circuitos culturais e políticos da modernidade ocidental. Entretanto, esse advento não se deu de forma espontânea e, tampouco, precoce. Pelo contrário, a instalação de tipografias e a circulação de periódicos foram rigidamente proibidas durante o período colonial, como parte da política metropolitana de controle sobre o conhecimento e de manutenção da subordinação da colônia. Nelson Werneck Sodré (1966, p. 24) sintetiza esse cenário ao afirmar que “o livro impresso e os periódicos estavam ausentes de uma sociedade que, privada de comunicação escrita, era mantida sob um regime de obscurantismo e ignorância deliberada, próprios da política colonialista lusitana”.

Essa proibição deve ser entendida como expressão da contradição entre, de um lado, a necessidade histórica da circulação de ideias em uma sociedade em transformação — marcada pelo avanço do comércio atlântico, pelo crescimento das cidades portuárias e pela emergência de novos sujeitos sociais — e, de outro, a estratégia política da metrópole, que buscava frear qualquer possibilidade de organização autônoma das elites locais. Essa contradição se acirra no início do século XIX, quando o impacto da Revolução Francesa e das guerras napoleônicas gerava, no mundo atlântico, um ambiente de redefinições institucionais e de contestação à ordem estabelecida.

O marco inaugural da imprensa no Brasil ocorreu em 1808, em circunstâncias excepcionais. A invasão de Portugal pelas tropas de Napoleão obrigou a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, deslocamento que transformou a colônia em sede do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. A mudança acarretou não apenas a instalação de novas estruturas administrativas, mas também a fundação da Imprensa Régia, autorizada por Dom João VI. A partir de então, tornou-se possível editar documentos oficiais e periódicos em território brasileiro, inaugurando uma nova fase na história da comunicação escrita do país.

Foi nesse contexto que surgiu a *Gazeta do Rio de Janeiro*, lançada em 10 de setembro de 1808.

Figura 1 — Gazeta do Rio de Janeiro, oficialmente o primeiro jornal publicado no Brasil. Número 1, 10 de setembro de 1808



Fonte: Coleção consultada em acervo histórico.

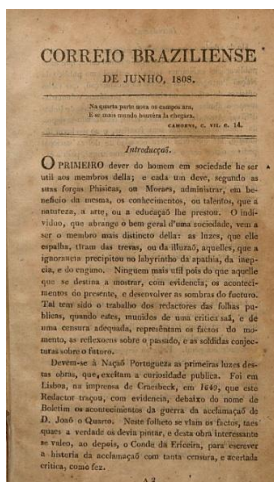
Tratava-se de um jornal de caráter estritamente oficial, publicado sob controle direto da Coroa, cujo objetivo era difundir informações selecionadas e alinhadas à

política monárquica. A primeira edição, preservada pela Biblioteca Nacional, é reveladora desse propósito. Nela, constam notícias internacionais relativas à guerra na Europa, como o movimento de tropas francesas e espanholas. Um dos trechos mais expressivos anuncia que “os dois navios americanos [...] não podem descarregar as suas mercadorias, e devem imediatamente fazer-se à vela sob pena de confiscação” (Gazeta do Rio de Janeiro, n. 1, 1808, p. 1). A escolha desse tipo de conteúdo demonstra o alinhamento do jornal às diretrizes econômicas e diplomáticas da Coroa, interessada em reafirmar sua autoridade diante da instabilidade internacional. Como analisa Isabel Lustosa (2000, p. 89), “a *Gazeta* nasceu sob o signo da censura e do controle, limitando-se a reproduzir o ponto de vista da Coroa, sem espaço para a crítica ou para o debate público”.

No entanto, no mesmo ano, surgiu em Londres uma publicação de perfil radicalmente distinto: o *Correio Braziliense*, editado por Hipólito José da Costa, cuja primeira edição data de junho de 1808.

Diferentemente da *Gazeta*, o periódico londrino apresentava-se como um espaço crítico e reflexivo. O texto de abertura afirma: “O primeiro dever do homem em sociedade he ser util aos membros della; e cada um deve, segundo as suas forças phisicas, ou moraes, administrar em beneficio da mesma os conhecimentos, ou talentos, que a natureza, a arte, ou a educação lhe prestou” (Correio Braziliense, n. 1, 1808, p. 1). Nesse trecho, observa-se o compromisso do jornal com a difusão de “luzes” e com a crítica à ignorância e à apatia social, em consonância com os ideais iluministas que influenciavam a intelectualidade luso-brasileira.

Figura 2 — Primeiro número do Correio Braziliense (1808), editado na Inglaterra por Hipólito José da Costa



Fonte: Coleção consultada em acervo histórico.

A circulação simultânea da *Gazeta do Rio de Janeiro* e do *Correio Braziliense* explicita uma das mais relevantes contradições históricas do período: de um lado, o jornal oficial, instrumento da Coroa para mediar sua relação com a sociedade colonial; de outro, um periódico crítico, expressão dos anseios de uma burguesia mercantil e letrada emergente que buscava maior autonomia política e econômica em relação a Portugal. Entretanto, o *Correio Braziliense* não representava as demandas da população em geral, mas sim de um grupo restrito: “o jornal dirigia-se prioritariamente às elites letradas e comerciais, defendendo reformas que não questionavam a base escravista da sociedade colonial” (Neves, 1999, p. 134),

Essa limitação revela a categoria da totalidade, fundamental na análise dialética. A imprensa nascente no Brasil só pode ser compreendida no conjunto das transformações atlânticas do início do século XIX, que incluíam a crise do Antigo Regime, a emergência de ideologias liberais e a resistência dos Estados coloniais. Tanto a *Gazeta* quanto o *Correio* são faces de uma mesma realidade histórica: a luta entre diferentes frações de classe pelo controle do poder político e pela definição dos rumos do Brasil. Enquanto a *Gazeta* reafirmava a dominação metropolitana, o *Correio* buscava expressar a visão de setores que pretendiam modernizar as instituições coloniais, mas sem abalar a estrutura social que sustentava seus privilégios.

O caráter de mediação também é evidente. A *Gazeta do Rio de Janeiro* desempenhava a função de veículo mediador entre Estado e sociedade, transmitindo informações selecionadas que reforçavam a legitimidade da monarquia. Já o *Correio Braziliense*, ainda que produzido fora do país, funcionava como mediador dos interesses de uma elite que aspirava maior participação política. Ambos os periódicos, portanto, não podem ser vistos como expressões de liberdade de imprensa, mas como instrumentos de disputa ideológica, circunscritos às condições materiais e às contradições sociais do período.

É necessário compreender que a imprensa não surge como instância neutra, mas como parte constitutiva da superestrutura, refletindo e, ao mesmo tempo, influenciando as relações de produção. Como afirmam Marx e Engels (2007 [1846], p. 47), “as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes”, o que explica por que tanto a *Gazeta* quanto o *Correio* expressavam projetos das elites — ainda que em sentidos distintos — e silenciavam as vozes das classes subalternas, em especial da população escravizada, que compunha a maioria demográfica do país.

Dessa forma, a chegada da imprensa ao Brasil não pode ser interpretada como um avanço imediato da democratização da informação. Ao contrário, tratou-se de um processo marcado por limites claros, em que as tensões entre dominação e resistência se manifestaram nos impressos inaugurais. A *Gazeta do Rio de Janeiro* e o *Correio Braziliense*, quando analisados em conjunto, revelam que a imprensa foi, desde o início, um campo de disputas políticas e ideológicas, servindo ora para legitimar a ordem, ora para questioná-la parcialmente, mas sempre circunscrita aos interesses das classes dominantes.

1.1 O papel da imprensa no Estado do Paraná

A compreensão do papel da imprensa no Estado do Paraná exige uma leitura atenta das condições históricas que possibilitaram seu surgimento e consolidação. Assim como no restante do Brasil, a instalação de periódicos na região não foi resultado de um processo espontâneo, mas expressão de transformações econômicas, sociais e políticas que se intensificaram ao longo do século XIX. O materialismo histórico-dialético permite entender esse fenômeno não como um evento isolado, mas como parte da totalidade das mudanças estruturais vividas pelo país, nas quais o Paraná se insere com características próprias.

No início do século XIX, a região que viria a se tornar a Província do Paraná, em 1853, ainda era subordinada administrativamente à Província de São Paulo. Predominava uma economia de base agrária, sustentada pela agricultura de subsistência, pela pecuária e pelo tropeirismo, atividade de transporte de gado e mercadorias que articulava os Campos Gerais ao sul do país. Nesse contexto, a ausência de uma burguesia urbana consolidada dificultava a sustentação de veículos de comunicação permanentes. A inexistência de periódicos até meados do século XIX revela a contradição entre a necessidade de um espaço público de debates e a fragilidade material da sociedade regional, ainda fortemente dependente de práticas econômicas tradicionais.

O estudo da imprensa no Paraná não pode ser dissociado das transformações sociais, políticas e econômicas que marcaram o século XIX no Brasil. A ausência de tipografias e jornais até meados do século se explica pela falta de uma burguesia

urbana consolidada, capaz de sustentar a produção periódica. Nesse sentido, Balhana, Machado e Westphalen (1969, p. 73) destacam que:

O Paraná, enquanto comarca de São Paulo, conservou por longo tempo uma vida econômica voltada para a agricultura de subsistência e para a pecuária extensiva, atividades que não demandavam uma vida cultural intensa nem criavam condições materiais para a instalação de uma imprensa local.

A mudança desse quadro ocorreu de forma gradual, acompanhando o crescimento urbano de Curitiba e o fortalecimento da economia regional, em especial com a ascensão da produção e do comércio da erva-mate. A emancipação política do Paraná, em 1853, ao torná-lo província independente, constituiu marco fundamental para a criação de uma imprensa local. Logo após essa emancipação, em 1854, foi fundado o periódico *O Dezenove de Dezembro*, considerado o primeiro jornal paranaense. Seu título remetia diretamente à data da elevação do Paraná à categoria de província, evidenciando o caráter político do impresso.

O Dezenove de Dezembro não deve ser interpretado apenas como um meio de informação, mas como um espaço de articulação dos interesses da elite local que buscava consolidar seu poder diante das disputas políticas do Império. Assim como no restante do país, os jornais funcionavam como porta-vozes das classes dominantes, difundindo ideias que reforçavam sua posição social. Ao longo do século XIX, “a imprensa brasileira aproximava-se, pouco a pouco, dos padrões e das características peculiares a uma sociedade burguesa” (Sodré, 1999, p. 261), transformando-se em veículo da hegemonia de determinados grupos. No caso paranaense, eram principalmente as elites ervateiras e agrárias que se beneficiavam desse processo.

O desenvolvimento da imprensa no Paraná acompanhou a expansão da urbanização de Curitiba e de outras localidades. A segunda metade do século XIX testemunhou um aumento no número de periódicos, refletindo não apenas a diversificação da economia, mas também a circulação de novas ideias políticas e culturais. Esse período foi marcado por tensões entre tradição e modernidade, evidenciando o impacto da modernização urbana e da formação de uma elite intelectual interessada em afirmar a especificidade cultural da região. Os jornais e revistas funcionavam como espaços de debate, mas também como veículos de

exclusão, já que se destinavam a um público letrado restrito, composto por membros das elites urbanas.

A imprensa paranaense não se limitou, contudo, à dimensão política. A partir do final do século XIX, surgiram periódicos literários que se tornaram fundamentais para a difusão do Simbolismo no Brasil. Um marco desse movimento foi a criação da revista *O Cenáculo*, em 1895, sob a liderança de Dario Vellozo, Silveira Netto, Júlio Pernetta e Antônio Braga. Essa publicação representava a busca por uma literatura inovadora, marcada pelo subjetivismo e pelo misticismo simbolista. Entretanto, como observa a crítica marxista, a produção simbolista, apesar de seu valor estético, refletia a posição social de intelectuais oriundos das camadas mais privilegiadas. Ao privilegiar a transcendência e o afastamento das questões concretas, a estética simbolista acabou por se distanciar das contradições sociais mais urgentes da época, como a exclusão da população negra e a marginalização dos trabalhadores (Piza, 1996).

Outro veículo de destaque foi a *Revista Clube Curitibano*, criada em 1890 e vinculada a uma das instituições sociais mais influentes da elite da capital. No primeiro número, seus editores afirmaram que o objetivo da publicação era “concorrer para educar-lhes e elevar-lhes o espírito e o coração, a inteligência e o sentimento” (*Revista Clube Curitibano*, n. 1, 1890, p. 1). A declaração evidencia o caráter formador atribuído à revista, mas também revela a perspectiva restrita de quem falava em nome de uma elite branca, masculina e letrada. A ausência de discussões sobre a educação da população negra no período pós-abolição mostra que a imprensa paranaense operava seletivamente, silenciando vozes subalternas em prol da manutenção da hegemonia social.

Esse processo confirma a tese de Marx (2013, p. 46), segundo a qual “as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes”. A imprensa paranaense do século XIX, ao mesmo tempo em que contribuía para a construção de uma identidade cultural e regional, reproduzia as hierarquias sociais vigentes, atuando como instrumento da elite para consolidar seus interesses. A contradição entre a função emancipatória atribuída à educação e à cultura e o silenciamento das massas evidencia a natureza seletiva da imprensa como fonte histórica.

No início do século XX, o jornalismo paranaense diversificou-se ainda mais, acompanhando os processos de urbanização, industrialização incipiente e imigração

européia. Os imigrantes, especialmente alemães, italianos e poloneses, trouxeram consigo tradições de imprensa comunitária, que resultaram na publicação de periódicos em línguas estrangeiras.

Em síntese, o papel da imprensa no Paraná ao longo do século XIX e início do XX não pode ser compreendido fora da totalidade das transformações sociais e políticas do período. Sua trajetória revela, de um lado, a importância da imprensa como espaço de afirmação regional e difusão cultural; de outro, suas limitações enquanto veículo restrito aos interesses dominantes. A análise materialista evidencia que a imprensa paranaense foi, desde sua origem, atravessada por contradições estruturais: ao mesmo tempo em que promovia debates literários e políticos, silenciava parcelas significativas da sociedade, especialmente a população negra e os trabalhadores pobres. Assim, compreender a imprensa do Paraná é compreender também a forma como a ideologia dominante se construiu e se consolidou na região, refletindo e reproduzindo as desigualdades históricas do Brasil.

1.2 Chegada da imprensa ao Paraná: a consolidação de uma elite intelectual em Curitiba

O desenvolvimento da imprensa paranaense no final do século XIX coincidiu com um momento de grande efervescência cultural e política no Brasil. A expansão urbana de Curitiba, a consolidação de uma elite intelectual e o fortalecimento das instituições de ensino criaram as condições materiais para o surgimento de um jornalismo literário de caráter mais elaborado. Essa transformação, entretanto, deve ser compreendida dentro da **totalidade** das mudanças que ocorriam na sociedade brasileira, marcada pela passagem do regime monárquico à República (1889) e pela tentativa das elites regionais de se afirmarem como portadoras do “espírito moderno” do país.

A imprensa curitibana do final do século XIX não se restringia à mera reprodução de notícias; ela se converteu em espaço de afirmação de um grupo intelectual que desejava inscrever o Paraná no mapa cultural do Brasil (Moreira, 2006, p. 57). Essa observação revela uma importante **mediação**: a imprensa atuava como ponte entre o poder político e a produção simbólica, tornando-se instrumento de legitimação social e intelectual.

Um dos marcos dessa fase foi a fundação, em 16 de janeiro de 1890, da *Revista Clube Curitibano*. O periódico nasceu no interior do mais prestigiado espaço de sociabilidade da capital, o Clube Curitibano, instituição que congregava a elite econômica e cultural da cidade. Já em seu primeiro número, os editores declaravam:

O 'Club Curitibano', órgão da associação deste nome, tem o objectivo de pôr os sócios a par de seu movimento litterario e diversivo e concorrer para educar-lhes e elevar-lhes o espirito e o coração, a intelligencia e o sentimento (*Revista Clube Curitibano*, n. 1, 1890, p. 1).

Essa declaração reflete o propósito formador da revista, mas também revela o caráter restritivo de seu público-alvo. O verbo “elevar” pressupõe uma hierarquia simbólica, os que educam e os que são educados, e traduz a concepção elitista de cultura predominante na época. Essa tensão expressa a contradição entre o discurso civilizatório, de inspiração positivista e liberal, e a exclusão de grande parte da população, especialmente a classe trabalhadora e a população negra, do acesso à instrução e à produção intelectual.

O final do século XIX foi também o período em que o Simbolismo se consolidou como movimento literário no Paraná, tendo como principais representantes Dario Vellozo, Emiliano Pernet, Silveira Netto e Antônio Braga. Esses escritores encontraram na imprensa local um espaço privilegiado para a divulgação de suas ideias. O movimento simbolista, ao valorizar o subjetivismo, o misticismo e a musicalidade das palavras, representava, em certo sentido, uma reação à objetividade e ao cientificismo do Realismo e do Naturalismo. No entanto, as correntes literárias, mesmo quando se pretendem alheias ao social, são sempre produtos históricos e refletem, em última instância, as condições materiais de sua produção (Candido, 2002, p. 112).

Em Curitiba, essa reflexão é especialmente válida. O Simbolismo local não surgiu como manifestação popular, mas como produção de um grupo letrado, socialmente privilegiado. Dario Vellozo (1869–1937), considerado um dos articuladores do movimento, foi também educador e editor de revistas como *O Cenáculo* (1895). Nessas publicações, o autor defendia a união entre arte, espiritualidade e progresso moral dizendo que a arte, em sua forma pura, deve ser a expressão da alma nacional, o canto do ideal que anima os povos e os conduz à perfeição moral.

Essa perspectiva revela o projeto civilizatório das elites intelectuais curitibanas, que viam na cultura uma via de distinção social e moral. Ao mesmo tempo, evidenciava-se a mediação entre o discurso estético e o discurso político, pois o ideal de “alma nacional” servia à legitimação de uma identidade paranaense branca, europeizada e moderna.

Outro nome fundamental foi Emiliano Pernetá (1866–1921), chamado de “Príncipe dos Poetas”. Sua poesia e atuação jornalística contribuíram para consolidar o prestígio do movimento simbolista no estado. Pernetá via a literatura como missão espiritual e instrumento de redenção do homem pela beleza. Em um de seus textos para a imprensa literária, afirmou que o poeta deve erguer-se acima das paixões comuns e fazer de sua pena uma lâmpada que ilumine o caminho dos que buscam a verdade através da arte.

A metáfora da “lâmpada” retoma o ideal iluminista, reinterpretado sob uma ótica espiritualizada, mas também reafirma a separação entre o intelectual e o povo, ou seja, entre quem ilumina e quem necessita ser iluminado. As ideias dominantes de uma época são sempre as ideias da classe dominante (Marx, 2013), e o simbolismo curitibano ilustra essa relação: sua estética elevada expressava a visão de mundo da elite que o sustentava, afastando-se das condições materiais da maioria da população.

A imprensa literária do Paraná, portanto, não apenas divulgou o Simbolismo, mas também o moldou como instrumento de distinção social e de consolidação de uma hegemonia cultural. Para Gramsci (1989, p. 91), “toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica”, e é justamente nesse sentido que a *Revista Clube Curitibano* e outras publicações simbolistas se tornaram mediadoras da ideologia dominante, apresentando a cultura como campo de educação moral, mas descolada da realidade material.

Essa contradição também se manifesta na ausência de representações da população negra, indígena e trabalhadora nas páginas desses periódicos. Hartung (2005, p. 118) observa que “a imprensa paranaense do final do século XIX, ao construir uma narrativa de progresso e civilização, omitiu deliberadamente a presença dos negros, cuja contribuição à formação social do estado foi silenciada em nome de um projeto de identidade branca e europeia”. Assim, o ideal de modernidade

propagado pela imprensa simbolista paranaense reforçou as hierarquias raciais e sociais herdadas do período escravista.

Com o avanço da República e a expansão da escolarização urbana, o papel da imprensa ampliou-se, tornando-se também um espaço de formação de opinião e de debate sobre educação.

No entanto, no caso paranaense, essa função educadora continuou restrita aos grupos que dominavam a escrita e os meios de produção intelectual. A contradição entre o ideal de democratização e a prática excludente revela a natureza ideológica da imprensa enquanto componente da superestrutura.

A análise do papel da imprensa e do Simbolismo no Paraná permite compreender que os periódicos literários não foram apenas espaços de criação estética, mas também instrumentos de dominação simbólica. Por meio da mediação cultural, jornais e revistas da época consolidaram valores e discursos que asseguraram a hegemonia das elites locais. A contradição entre arte e realidade, entre ideal e materialidade, define a função ambígua dessa imprensa: ao mesmo tempo em que promovia o florescimento literário e cultural da região, reproduzia a desigualdade social e racial característica da formação histórica brasileira.

A análise do surgimento e do desenvolvimento da imprensa no Brasil e, posteriormente, no Paraná, evidencia que os meios impressos não podem ser compreendidos como fenômenos isolados ou neutros. Ao contrário, constituem-se como expressões históricas diretamente vinculadas às condições materiais de produção e às disputas entre diferentes frações de classe. Tal compreensão reafirma o pressuposto fundamental do materialismo histórico-dialético segundo o qual os processos culturais e ideológicos são inseparáveis das estruturas econômicas e sociais que lhes dão sustentação. Assim, a imprensa emerge como parte integrante da superestrutura social, refletindo e, simultaneamente, contribuindo para a reprodução das relações sociais existentes.

No plano mais amplo, o surgimento da imprensa no Brasil, marcado pela instalação da Imprensa Régia em 1808, revela-se como resultado de uma conjuntura histórica específica, determinada pelas transformações políticas e econômicas ocorridas no contexto das guerras napoleônicas e da transferência da corte portuguesa para o território brasileiro. Esse processo não deve ser interpretado como simples avanço civilizatório ou modernizador, mas como resposta a uma necessidade

concreta da administração colonial e imperial, interessada em consolidar sua autoridade e fortalecer os mecanismos de controle ideológico sobre a população. Conforme discutido ao longo da seção, a existência simultânea de periódicos como a *Gazeta do Rio de Janeiro* e o *Correio Braziliense* evidencia que a imprensa brasileira nasce marcada por contradições estruturais, expressando interesses divergentes no interior das classes dominantes.

Essa dualidade inicial demonstra que, desde sua origem, a imprensa esteve vinculada ao exercício do poder político e à difusão de ideologias que legitimavam determinadas formas de organização social. A análise dialética permite compreender que tais veículos não representavam a totalidade da sociedade, mas, sim, segmentos específicos das elites letradas e economicamente privilegiadas. Como afirmam Marx e Engels (2007), as ideias dominantes em cada época correspondem às ideias da classe dominante, o que explica a ausência de vozes populares e subalternas nos primeiros periódicos brasileiros. Essa exclusão não constitui mero acaso histórico, mas revela o caráter seletivo da produção intelectual em sociedades marcadas por profundas desigualdades sociais.

Ao deslocar o olhar para o contexto regional, observa-se que o desenvolvimento da imprensa no Paraná reproduz, em escala local, as contradições verificadas no cenário nacional. O surgimento dos primeiros periódicos paranaenses, especialmente após a emancipação política da província em 1853, demonstra que a existência da imprensa estava diretamente relacionada ao fortalecimento das elites regionais e à consolidação de uma economia baseada, sobretudo, na exploração da erva-mate e nas atividades agrárias. Nesse sentido, a imprensa não apenas registrava as transformações sociais, mas atuava como instrumento ativo na legitimação do poder político e econômico das classes dominantes locais.

Essa relação entre imprensa e poder evidencia a categoria da mediação, fundamental para compreender o papel dos periódicos na construção de identidades regionais e na difusão de valores ideológicos. A criação do jornal *Dezenove de Dezembro*, por exemplo, deve ser entendida não apenas como marco histórico da imprensa paranaense, mas como expressão simbólica da autonomia política recém-adquirida pela província. Ao associar seu título à data de emancipação do Paraná, o periódico evidencia o vínculo entre comunicação escrita e afirmação de uma

identidade política específica, revelando o papel ideológico desempenhado pela imprensa na formação de um sentimento de pertencimento regional.

No entanto, ao mesmo tempo em que contribuía para a consolidação de uma identidade cultural, a imprensa paranaense também reproduzia mecanismos de exclusão social e racial. A ausência sistemática de representações da população negra, indígena e trabalhadora nas páginas dos periódicos evidencia que a produção cultural não se destinava à totalidade da população, mas a um público restrito, composto majoritariamente por membros das elites urbanas. Essa seletividade confirma a tese gramsciana de que a hegemonia cultural se constrói por meio da produção e difusão de discursos que naturalizam determinadas formas de dominação, apresentando-as como universais e legítimas.

No contexto específico de Curitiba, o final do século XIX representa um momento decisivo para a consolidação de uma elite intelectual que encontrou na imprensa literária um espaço privilegiado para a divulgação de seus projetos culturais e ideológicos. A criação da *Revista Clube Curitibano* constitui exemplo emblemático desse processo, evidenciando como os periódicos literários atuaram como instrumentos de distinção social e de afirmação simbólica das elites locais. Ao se apresentar como veículo destinado a “elevar” o espírito e a inteligência de seus leitores, a revista reafirmava uma concepção hierárquica de cultura, baseada na ideia de superioridade intelectual de determinados grupos sociais.

Tal concepção reflete uma contradição fundamental: ao mesmo tempo em que proclamava a valorização da educação e da cultura, a imprensa simbolista paranaense mantinha-se distante das demandas concretas das classes trabalhadoras e da população marginalizada. Essa tensão evidencia o caráter ideológico da produção cultural, que, embora revestida de valores estéticos e espirituais, estava profundamente vinculada às condições materiais de existência das elites que a produziam e financiavam. Conforme argumenta Lukács (2012), a arte e a literatura, mesmo quando se apresentam como expressões subjetivas, são sempre determinadas pelas relações sociais e pelas condições históricas de sua produção.

Nesse sentido, o movimento simbolista paranaense, amplamente divulgado por meio de periódicos literários, pode ser interpretado como expressão estética de um grupo social específico, cujos valores e interesses estavam alinhados ao projeto de modernização conservadora das elites republicanas. Ao privilegiar o subjetivismo, o

misticismo e a transcendência, o Simbolismo contribuiu para a construção de uma identidade cultural elitista, distanciada das contradições sociais que marcavam a sociedade brasileira no período pós-abolição. Essa distância não representa apenas uma escolha estética, mas revela a posição social dos intelectuais simbolistas, que se beneficiavam das estruturas de poder vigentes.

A análise histórica realizada ao longo deste capítulo demonstra, portanto, que a imprensa paranaense desempenhou papel central na consolidação de uma hegemonia cultural baseada na exclusão e no silenciamento de grupos subalternos. A ausência de representações da população negra nas páginas dos periódicos não pode ser interpretada como simples lacuna documental, mas como resultado de um processo deliberado de invisibilização, associado ao projeto de construção de uma identidade regional branca e europeizada. Esse processo confirma a interpretação marxista de que a ideologia dominante atua como mecanismo de naturalização das desigualdades sociais, ocultando as contradições estruturais que sustentam a ordem vigente.

Do ponto de vista metodológico, a abordagem materialista-dialética adotada neste estudo permitiu compreender a imprensa não apenas como fonte histórica, mas como objeto de análise inserido na totalidade das relações sociais. Ao considerar as categorias de totalidade, contradição e mediação, tornou-se possível identificar os vínculos entre a produção jornalística e as transformações econômicas, políticas e culturais que marcaram a formação da sociedade paranaense. Essa perspectiva reforça a importância de analisar os impressos históricos não apenas pelo conteúdo que apresentam, mas também pelas condições materiais que possibilitaram sua produção e circulação.

À medida que se avança do plano geral para o específico, torna-se evidente que a imprensa curitibana do final do século XIX desempenhou papel estratégico na consolidação de uma elite intelectual que buscava afirmar o Paraná como centro cultural relevante no cenário nacional. Contudo, esse processo ocorreu de forma seletiva, privilegiando determinados grupos sociais e excluindo outros. A imprensa literária simbolista, ao difundir valores estéticos e morais associados à elite, contribuiu para a construção de uma hegemonia cultural que legitimava as desigualdades sociais existentes.

Assim, a análise desenvolvida neste capítulo evidencia que a imprensa não pode ser compreendida apenas como instrumento de comunicação ou registro histórico, mas como espaço de disputa ideológica e de produção de sentidos sociais. Ao mesmo tempo em que promoveu o florescimento cultural e literário no Paraná, a imprensa também contribuiu para a reprodução das hierarquias sociais e raciais que caracterizam a formação histórica brasileira. Essa contradição constitui elemento central para compreender o papel ambíguo da imprensa na construção da identidade cultural paranaense.

Finalmente, ao direcionar o olhar para o objeto específico desta tese — a imprensa literária e sua atuação no contexto curitibano — torna-se evidente que os periódicos analisados não apenas refletiram as transformações sociais do período, mas também participaram ativamente da construção de discursos que legitimaram determinados projetos de sociedade. A compreensão dessas dinâmicas revela-se fundamental para o avanço das discussões que serão desenvolvidas nas seções seguintes, nas quais se aprofundará a análise das práticas discursivas e das estratégias simbólicas utilizadas pela imprensa para consolidar sua posição como mediadora cultural e instrumento de hegemonia.

Dessa forma, a trajetória histórica apresentada ao longo desta seção permite concluir que a imprensa brasileira e paranaense constitui espaço privilegiado para a análise das relações entre cultura, poder e ideologia. Ao evidenciar as contradições inerentes ao processo de formação da imprensa, torna-se possível compreender como os impressos contribuíram para a construção de identidades sociais e para a consolidação de estruturas de dominação que ainda reverberam na contemporaneidade. Assim, a leitura histórica da imprensa, orientada pelos princípios do materialismo histórico-dialético, revela-se não apenas como exercício acadêmico, mas como instrumento crítico para a compreensão das desigualdades que marcam a sociedade brasileira.

2. A REVISTA CLUBE CURITIBANO (1890–1912): IMPRENSA, ELITE E PRODUÇÃO DE HEGEMONIA CULTURAL

2.1 Imprensa, modernização e produção cultural no Brasil Republicano: bases históricas para a emergência da *Revista Clube Curitibano*

A compreensão da *Revista Clube Curitibano* como objeto central desta pesquisa exige, inicialmente, a análise das condições históricas mais amplas que possibilitaram o desenvolvimento da imprensa e da cultura letrada no Brasil no final do século XIX. Nesse sentido, torna-se fundamental partir de um panorama das transformações políticas, sociais e culturais que marcaram o período de transição do Império para a República, avançando gradativamente até o contexto específico da cidade de Curitiba e da constituição do periódico em questão.

O final do século XIX foi marcado por profundas transformações estruturais na sociedade brasileira. A Abolição da Escravidão, em 1888, e a Proclamação da República, em 1889, constituíram eventos decisivos que reorganizaram as relações políticas e sociais, inaugurando um novo ciclo histórico caracterizado pela redefinição dos projetos de modernização nacional. Embora tais transformações tenham sido frequentemente associadas ao discurso do progresso, diversos estudos apontam que elas não significaram ruptura imediata com as estruturas sociais herdadas do período escravista.

Nesse sentido, destaca-se que a abolição não foi acompanhada por políticas estruturais capazes de promover a integração social da população negra. “A abolição foi um ato jurídico que libertou o escravo, mas não lhe deu os meios necessários para se integrar à ordem social competitiva” (Fernandes, 2008, p. 35).

Tal afirmação evidencia que as mudanças legais não foram suficientes para alterar as desigualdades estruturais existentes, mantendo-se, no período republicano inicial, profundas assimetrias sociais que se refletiram também no campo educacional e cultural.

Paralelamente a essas transformações sociais, a imprensa consolidou-se como um dos principais instrumentos de difusão cultural e de organização simbólica da sociedade. O desenvolvimento dos periódicos, especialmente nas capitais provinciais,

esteve diretamente relacionado à formação de uma elite intelectual interessada em afirmar projetos culturais alinhados ao ideário republicano de civilização e progresso.

A imprensa brasileira desempenhou papel estratégico na consolidação das elites dirigentes: “A imprensa, desde os seus primórdios, foi um instrumento das classes dominantes, servindo à difusão de suas ideias e à organização de sua hegemonia cultural” (Sodré, 1999, p. 287).

Essa interpretação permite compreender os periódicos não apenas como meios de comunicação, mas como aparelhos ideológicos fundamentais para a manutenção de determinadas formas de organização social. Nesse sentido, a produção impressa deve ser analisada como parte integrante das relações de poder que estruturaram a sociedade brasileira no período republicano inicial.

Sob a perspectiva do materialismo histórico-dialético, a produção cultural não pode ser compreendida de maneira isolada das condições materiais que a sustentam. Karl Marx, ao analisar a relação entre base econômica e produção ideológica, afirma: “As ideias dominantes de uma época sempre foram as ideias da classe dominante” (Marx; Engels, 2007, p. 47).

Tal formulação constitui fundamento teórico essencial para a análise da imprensa como instrumento de produção simbólica vinculado às classes dominantes. Assim, os periódicos que emergiram no final do século XIX devem ser compreendidos como expressões das necessidades culturais e políticas das elites urbanas que buscavam consolidar sua posição social.

Nesse cenário, a imprensa literária assumiu papel particularmente relevante na difusão de valores associados à modernidade, à moralidade e à educação formal. Revistas literárias e sociais tornaram-se espaços privilegiados de circulação de textos, ideias e representações que contribuíram para a construção de identidades culturais específicas.

Ao tratar da função cultural da imprensa, destaca-se que os meios de produção simbólica desempenham papel fundamental na consolidação da hegemonia social: “A hegemonia nasce na fábrica, mas precisa ser organizada na sociedade civil, por meio de instituições culturais que difundem e naturalizam determinadas concepções de mundo” (Gramsci, 2001, p. 324).

Nesse sentido, revistas literárias e sociais devem ser compreendidas como instituições culturais responsáveis por difundir valores e consolidar consensos sociais, desempenhando papel decisivo na construção da identidade das elites urbanas.

2.2 Modernização urbana e formação das elites letradas em Curitiba

Ao deslocar o olhar do cenário nacional para o contexto regional, torna-se possível compreender as condições específicas que favoreceram o surgimento da imprensa literária no Paraná. O final do século XIX foi marcado por significativo crescimento urbano em Curitiba, acompanhado pela intensificação das atividades comerciais e pela ampliação do fluxo migratório europeu.

Essas transformações contribuíram para a formação de uma elite urbana que buscava afirmar sua identidade cultural por meio da valorização da educação, da literatura e das práticas sociais consideradas modernas. A cidade passou a ser representada como espaço de progresso e civilização, em oposição às imagens associadas ao atraso rural.

O processo de urbanização paranaense esteve diretamente relacionado ao fortalecimento das atividades culturais: “O crescimento urbano de Curitiba no final do século XIX favoreceu o surgimento de associações culturais, clubes e periódicos, que se tornaram espaços privilegiados de sociabilidade das elites locais” (Wachowicz, 1988, p. 112).

Essas instituições desempenharam papel estratégico na consolidação de redes sociais que articulavam interesses econômicos, políticos e culturais. Entre essas instituições, destacaram-se os clubes urbanos, que se configuraram como espaços de encontro e distinção social.

O surgimento de clubes sociais no Brasil republicano esteve diretamente relacionado à necessidade de organizar espaços exclusivos de convivência destinados às elites urbanas. Esses espaços funcionavam não apenas como locais de lazer, mas como ambientes de construção simbólica de identidades sociais.

Nesse contexto, a criação do *Clube Curitibano*, em 1881, representou marco significativo na organização da sociabilidade urbana da capital paranaense. O clube consolidou-se como um dos principais espaços de encontro das elites locais, reunindo comerciantes, intelectuais e membros das classes dirigentes.

A vinculação entre clubes sociais e produção cultural revela a interdependência entre sociabilidade e circulação de ideias. Os periódicos vinculados a essas instituições funcionavam como instrumentos de registro das atividades sociais e como meios de difusão de valores culturais considerados legítimos.

2.3 A gênese da *Revista Clube Curitibano*: inserção histórica e materialidade do periódico

Somente após a compreensão das condições históricas gerais — nacionais e regionais — torna-se possível situar o surgimento da *Revista Clube Curitibano* em seu contexto específico.

A revista teve seu primeiro número publicado em 16 de janeiro de 1890, poucos meses após a Proclamação da República. Esse dado não constitui mera coincidência cronológica, mas revela a inserção do periódico em um momento histórico caracterizado pela reorganização das instituições políticas e culturais do país.

A criação da revista esteve diretamente vinculada ao Clube Curitibano, instituição fundada em 1881 e consolidada como espaço privilegiado de sociabilidade da elite urbana local. Essa vinculação evidencia que a produção editorial do periódico não ocorreu de forma autônoma, mas como extensão das atividades culturais desenvolvidas no interior do clube.

Do ponto de vista material, a revista apresentava características típicas das publicações literárias do período, sendo impressa em tipografias locais e organizada em seções que incluíam textos literários, crônicas sociais, informes institucionais e anúncios comerciais. A presença desses elementos revela a multiplicidade de funções desempenhadas pelo periódico.

A análise da materialidade da revista permite compreender que sua existência esteve diretamente relacionada às condições econômicas que sustentavam sua produção. “A produção intelectual não é independente da produção material; ambas estão ligadas pelas condições concretas de existência social” (Marx, 2013, p. 98).

Nesse sentido, a presença de anúncios comerciais nas páginas da revista indica a existência de relações econômicas que garantiam sua circulação, evidenciando o vínculo entre cultura e mercado urbano.

Além de sua função cultural, a revista desempenhava papel estratégico na organização simbólica das relações sociais. Ao registrar eventos promovidos pelo

clube — como bailes, saraus e reuniões sociais — o periódico contribuíria para a construção de uma memória coletiva associada às elites urbanas.

A longevidade da publicação, que se estendeu de 1890 a 1912, constitui evidência de sua relevância no cenário cultural curitibano. Durante esse período, o periódico consolidou-se como espaço privilegiado de difusão de ideias e valores associados à elite urbana local.

2.4 Periodização histórica da *Revista Clube Curitibano* (1890–1912): continuidades, rupturas e adaptações editoriais

A compreensão da trajetória histórica da *Revista Clube Curitibano* exige a análise sistemática das transformações internas que marcaram sua existência ao longo do tempo. Nesse sentido, a periodização do periódico constitui procedimento metodológico essencial, pois permite identificar não apenas alterações formais ou editoriais, mas, sobretudo, as relações entre a dinâmica interna da revista e os acontecimentos históricos que marcaram a sociedade paranaense entre o final do século XIX e o início do século XX.

A divisão da revista em fases distintas não corresponde apenas a reorganizações administrativas, mas expressa mudanças estruturais nas condições sociais e políticas que possibilitaram sua produção. Compreender as fases da revista implica situá-las no interior das transformações históricas que afetaram a vida social curitibana e as instituições culturais ligadas às elites locais.

Com base na análise documental do corpus e em estudos historiográficos anteriores, é possível dividir a trajetória da *Revista Clube Curitibano* em três fases principais:

- **Primeira fase:** 1890–1893
- **Segunda fase:** 1894–1900
- **Terceira fase:** 1910–1912

Cada uma dessas fases apresenta características próprias que refletem tanto as condições materiais de produção quanto as tensões políticas e culturais que atravessaram o período republicano inicial.

2.4.1 Primeira fase (1890–1893): fundação do periódico e consolidação da sociabilidade elitista

A primeira fase da *Revista Clube Curitibano*, compreendida entre 1890 e 1893, corresponde ao momento inaugural do periódico e coincide com os anos iniciais da República brasileira. Esse período foi marcado pela reorganização das instituições políticas e pela redefinição dos projetos culturais associados à construção da identidade nacional.

No Paraná, esse processo esteve diretamente relacionado à consolidação das elites urbanas e ao fortalecimento de instituições culturais destinadas à organização da vida social. Nesse contexto, a revista assumiu papel estratégico como espaço de registro das práticas culturais e sociais promovidas pelo Clube Curitibano.

Os conteúdos publicados nessa fase revelam forte orientação voltada à vida social dos associados, com destaque para:

- crônicas sociais
- narrativas literárias
- registros de bailes e saraus
- notícias institucionais
- textos voltados ao universo feminino

A presença significativa de conteúdos direcionados ao público feminino constitui elemento relevante para compreender a função social da revista. A mulher da elite era frequentemente representada como mediadora da moralidade e da cultura doméstica, desempenhando papel simbólico na reprodução dos valores sociais dominantes.

Essa perspectiva permite compreender que a presença de textos voltados ao universo feminino não representava apenas escolha editorial, mas refletia expectativas sociais mais amplas relacionadas ao papel da mulher na sociedade republicana.

Além das narrativas sociais, observa-se também a presença de textos literários que buscavam inserir a produção local em um circuito cultural mais amplo. Frequentemente, eram citados autores brasileiros e estrangeiros reconhecidos, evidenciando o esforço das elites curitibanas em afirmar sua identidade cultural.

A publicação de textos literários e referências culturais pode ser compreendida como estratégia de distinção social e afirmação do prestígio cultural da elite local.

Outro elemento recorrente nessa fase foi a divulgação de informações institucionais relacionadas ao Clube Curitibano. Esses registros incluíam:

- atas de reuniões
- comunicados administrativos
- relatórios de eventos
- registros de festividades

A presença desses conteúdos evidencia a função da revista como instrumento de fortalecimento institucional, contribuindo para a ampliação do número de associados e para a consolidação da identidade do clube.

A primeira fase da revista foi abruptamente interrompida em abril de 1893, momento diretamente relacionado às tensões políticas que marcaram o Paraná naquele período.

Esse contexto esteve associado à Revolução Federalista (1893–1895), conflito político-militar que afetou significativamente a região sul do Brasil. O impacto desse evento sobre a produção cultural foi expressivo, uma vez que muitos intelectuais e membros das elites urbanas estavam envolvidos nas disputas políticas.

No Paraná, a instabilidade gerada pelo conflito comprometeu o funcionamento regular de diversas instituições culturais, incluindo periódicos e associações literárias. Nesse cenário, a interrupção da revista não deve ser compreendida como evento isolado, mas como expressão das tensões históricas que atravessavam a sociedade.

Sob a perspectiva do materialismo histórico-dialético, essa interrupção evidencia a dependência da produção cultural em relação às condições políticas e sociais. Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; fazem-na sob circunstâncias diretamente encontradas e herdadas do passado (Marx; Engels, 2007, p. 39).

Assim, a suspensão das atividades editoriais revela a fragilidade das instituições culturais diante das crises políticas e sociais.

2.4.2 Segunda fase (1894–1900): reorganização editorial e manutenção da neutralidade discursiva

A segunda fase da *Revista Clube Curitibano*, compreendida entre 1894 e 1900, corresponde ao período de reorganização institucional após a interrupção provocada pelas tensões políticas.

Esse momento foi marcado pela tentativa de restabelecer a regularidade editorial e reafirmar a função social da revista como espaço de sociabilidade da elite curitibana.

Apesar do contexto político conturbado, observa-se que os conteúdos publicados mantiveram postura aparentemente neutra em relação aos conflitos políticos. Esse silêncio discursivo constitui elemento significativo para a interpretação histórica do periódico.

A hegemonia se estabelece não apenas pelo que é dito, mas também pelo que é silenciado (Gramsci, 2001, p. 211).

Essa formulação permite compreender que a ausência de posicionamentos políticos explícitos pode ter funcionado como estratégia de preservação institucional. Ao evitar manifestações diretas sobre os conflitos em curso, a revista preservava sua função como espaço de convivência das elites locais.

Os conteúdos publicados nessa fase mantiveram características semelhantes às do período inicial, incluindo:

- textos literários
- crônicas sociais
- registros de eventos
- anúncios comerciais
- notas institucionais

Entretanto, observa-se maior regularidade na organização editorial, indicando esforço de estabilização institucional após o período de crise.

A presença contínua de anúncios comerciais também revela o fortalecimento das relações econômicas que sustentavam o periódico. Conforme destaca Nelson Werneck Sodré: “O desenvolvimento da imprensa esteve sempre ligado à expansão das atividades comerciais e ao crescimento das cidades” (Sodré, 1999, p. 301).

Essa observação reforça a interpretação da revista como espaço de articulação entre cultura e economia urbana.

2.4.3 Terceira fase (1910–1912): reconfiguração editorial e adaptação às novas dinâmicas culturais

A terceira fase da *Revista Clube Curitibano*, compreendida entre os anos de 1910 e 1912, representa o momento final de circulação do periódico e constitui etapa fundamental para compreender as transformações que marcaram o campo cultural brasileiro nas primeiras décadas do século XX. Diferentemente das fases anteriores, esse período foi caracterizado por alterações significativas na estrutura editorial, na composição do corpo de redatores e na materialidade do impresso, indicando um processo de adaptação às novas exigências técnicas e culturais que emergiam no contexto urbano.

O início do século XX foi marcado por importantes mudanças no cenário editorial brasileiro, especialmente relacionadas à modernização dos processos de impressão e à ampliação do público leitor. O avanço das técnicas tipográficas e o crescimento das cidades contribuíram para a diversificação dos periódicos e para a consolidação de novos modelos de publicação.

Nesse sentido, observa-se que: “O início do século XX representou uma etapa de reorganização da imprensa brasileira, marcada pela ampliação do número de publicações e pela diversificação dos formatos editoriais” (Sodré, 1999, p. 345).

Essa reorganização estrutural influenciou diretamente periódicos regionais, como a *Revista Clube Curitibano*, que precisaram se adaptar às transformações técnicas e culturais que redefiniam o campo editorial brasileiro.

Durante essa terceira fase, observa-se maior rotatividade entre os redatores, evidenciando mudanças na composição intelectual do periódico. Entre os nomes associados a esse período destacam-se:

- Sebastião Paraná
- Ismael Martins
- Leite Júnior
- Júlio Pernetta

A presença desses colaboradores revela a tentativa de manter o prestígio cultural do periódico por meio da participação de intelectuais reconhecidos no cenário paranaense. Entretanto, ao contrário das fases iniciais, nas quais havia maior estabilidade editorial, esse período caracteriza-se por certa fragmentação organizacional, refletindo as dificuldades enfrentadas pelas revistas literárias diante da crescente concorrência com outros meios de comunicação.

Do ponto de vista material, a revista passou por alterações visíveis em seu formato gráfico. Entre essas mudanças, destaca-se a adoção de textos organizados em coluna única, substituindo modelos anteriores que apresentavam maior ornamentação visual. Essa modificação indica não apenas adaptação técnica, mas também transformação nas concepções estéticas que orientavam a produção editorial.

A simplificação gráfica pode ser interpretada como resposta às demandas de racionalização dos processos de impressão, fenômeno comum em periódicos do início do século XX.

As mudanças observadas na materialidade da revista indicam transformações mais amplas nas práticas culturais e nos modos de leitura que caracterizaram o início do século XX.

Outro aspecto relevante dessa fase foi a ampliação do diálogo com o cenário cultural regional. Observa-se maior diversidade temática nos textos publicados, incluindo reflexões literárias, ensaios culturais e registros sociais que buscavam reafirmar a relevância simbólica da revista no contexto local.

Entretanto, apesar dessas tentativas de renovação, a revista encerrou suas atividades em 1912, após mais de duas décadas de circulação. O fim do periódico pode ser compreendido como resultado das transformações estruturais que redefiniram o campo editorial brasileiro, marcadas pela emergência de novos formatos de comunicação e pela reorganização das práticas culturais urbanas.

Sob a perspectiva do materialismo histórico-dialético, o encerramento da revista não deve ser interpretado como simples decisão administrativa, mas como manifestação das mudanças estruturais que afetaram a produção cultural no período. Conforme afirma György Lukács: “As formas culturais surgem, desenvolvem-se e desaparecem em função das transformações históricas que redefinem as condições sociais de existência” (Lukács, 2012, p. 94).

Essa interpretação permite compreender o término da *Revista Clube Curitibano* como expressão das novas dinâmicas culturais que emergiram no início do século XX, alterando as condições materiais que sustentavam a produção editorial.

2.5 Síntese histórica da trajetória editorial: permanências e transformações

A análise das três fases da *Revista Clube Curitibano* evidencia que sua trajetória esteve profundamente vinculada às transformações políticas, sociais e culturais que marcaram a sociedade paranaense entre o final do século XIX e o início do século XX.

De modo geral, é possível identificar três movimentos fundamentais:

1 — Consolidação inicial (1890–1893): Caracterizada pela criação do periódico e pela organização de um espaço de sociabilidade vinculado ao Clube Curitibano, essa fase corresponde ao momento de afirmação institucional da revista e de fortalecimento das redes sociais das elites locais. Nesse período, predominam textos voltados à vida social e cultural, com forte presença de registros institucionais e narrativas literárias. A revista funcionava como instrumento de legitimação simbólica da elite urbana.

2 — Reorganização e estabilidade relativa (1894–1900): Marcada pela retomada das atividades após a interrupção provocada pelos conflitos políticos, essa fase evidencia o esforço de estabilização institucional e a manutenção da função social da revista. O silêncio diante das tensões políticas revela estratégia de preservação simbólica, evitando rupturas internas e garantindo a continuidade das práticas culturais associadas às elites.

3 — Reconfiguração e encerramento (1910–1912): Caracterizada por mudanças materiais e editoriais, essa fase evidencia a tentativa de adaptação às novas condições culturais e técnicas do início do século XX. Entretanto, as transformações estruturais do campo editorial contribuíram para o encerramento das atividades do periódico, indicando o esgotamento de determinadas formas de produção cultural.

A trajetória histórica da revista confirma a interpretação segundo a qual os periódicos literários não constituem apenas veículos de comunicação, mas instituições culturais que desempenham papel ativo na organização simbólica da sociedade. “Os

meios culturais são instrumentos fundamentais na produção da hegemonia, pois difundem visões de mundo que se apresentam como universais, ainda que expressem interesses particulares” (Gramsci, 2001, p. 189).

Essa formulação permite compreender a *Revista Clube Curitibano* como instrumento de produção simbólica vinculado à construção da hegemonia cultural das elites urbanas curitibanas.

2.6 A *Revista Clube Curitibano* na historiografia: diálogos, aproximações e distinções analíticas

A análise da *Revista Clube Curitibano* como objeto histórico e cultural não constitui empreendimento isolado no campo da historiografia paranaense. Ao longo das últimas décadas, diferentes pesquisas acadêmicas dedicaram-se ao estudo desse periódico, reconhecendo sua relevância como fonte privilegiada para compreender a formação cultural, social e educacional da sociedade curitibana entre o final do século XIX e o início do século XX.

Nesse sentido, situar a presente investigação em diálogo com estudos anteriores constitui procedimento fundamental para delimitar seu campo teórico-metodológico e evidenciar suas contribuições específicas. Tal posicionamento permite compreender que a construção do conhecimento histórico não ocorre de forma isolada, mas por meio da interlocução contínua com produções já consolidadas.

Como destaca Marc Bloch, ao tratar da natureza coletiva do conhecimento histórico: “A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado; mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente” (Bloch, 2001, p. 65).

Assim, ao dialogar com pesquisas anteriores, torna-se possível identificar tanto os avanços já realizados quanto as lacunas que ainda demandam investigação.

Entre os estudos mais relevantes dedicados à *Revista Clube Curitibano*, destacam-se as pesquisas desenvolvidas por Regiane Hartmann Garcia (2022), Sandra do Rocio Ferreira Leal (2020) e Caroline Baron Marach (2013), cujas contribuições constituem referências fundamentais para a análise do periódico.

2.6.1 Aproximações e distanciamentos: o lugar desta pesquisa no campo historiográfico

Ao considerar o conjunto dessas investigações, torna-se evidente que a *Revista Clube Curitibano* foi amplamente reconhecida como fonte histórica relevante para compreender a formação cultural e educacional da sociedade paranaense.

Entretanto, apesar das contribuições significativas dessas pesquisas, permanece a necessidade de aprofundar a análise das contradições sociais que atravessam os discursos presentes no periódico.

A presente investigação aproxima-se dos estudos anteriormente mencionados ao reconhecer:

- a importância da revista como fonte histórica
- seu papel na difusão de valores culturais
- sua função na construção de identidades sociais

Contudo, distancia-se metodologicamente ao adotar como eixo interpretativo central a análise das contradições entre discurso educacional e exclusão social, especialmente no que se refere às relações raciais.

Sob a perspectiva do materialismo histórico-dialético, a análise histórica deve considerar não apenas os discursos explicitamente formulados, mas também os silêncios estruturais que contribuem para a manutenção das desigualdades sociais. A ideologia não se manifesta apenas no que é dito, mas também naquilo que se torna invisível no campo das representações sociais (Lukács, 2010, p. 221).

Essa formulação constitui fundamento teórico essencial para compreender que a ausência de determinados sujeitos sociais nos discursos educacionais da revista não representa mero acaso, mas resultado de relações sociais historicamente determinadas.

Nesse sentido, a principal contribuição desta pesquisa consiste em analisar a *Revista Clube Curitibano* como espaço de produção ideológica que contribuiu para a naturalização das desigualdades raciais e educacionais no período republicano inicial.

Ao examinar não apenas os conteúdos explícitos, mas também as ausências significativas, esta investigação busca evidenciar que a educação, frequentemente

apresentada como valor universal, foi historicamente construída como privilégio restrito às elites urbanas.

2.7 A Revista *Clube Curitibano* na historiografia: diálogos, contribuições e avanços analíticos da pesquisa

A análise da *Revista Clube Curitibano* insere-se em um campo historiográfico que, ao longo das últimas décadas, tem se dedicado à investigação das relações entre imprensa, educação e cultura no Paraná. Nesse cenário, destacam-se as pesquisas desenvolvidas por Regiane Hartmann Garcia (2022), Sandra do Rocio Ferreira Leal (2020) e Caroline Baron Marach (2013), cujos estudos constituem referências fundamentais para a compreensão da imprensa paranaense e de sua atuação na formação social e cultural do estado.

O diálogo com essas autoras não apenas fortalece a fundamentação teórica desta tese, mas também evidencia as especificidades do percurso investigativo aqui proposto. Ao considerar suas contribuições, torna-se possível compreender como a presente pesquisa amplia o campo interpretativo ao introduzir novos questionamentos, especialmente aqueles relacionados às contradições sociais presentes nos discursos educativos e culturais difundidos pela *Revista Clube Curitibano*.

Embora as pesquisas desenvolvidas por Garcia, Leal e Marach ofereçam contribuições fundamentais para a compreensão da imprensa paranaense, a presente tese diferencia-se ao articular **simbolismo, educação elitizada e exclusão racial**.

Ao privilegiar conteúdos literários associados ao simbolismo, o periódico contribuiu para a construção de um repertório cultural que reforçava valores associados à elite intelectual. Entretanto, essa construção simbólica não ocorreu de forma neutra. Ao seleccionar determinados temas e silenciar outros, a revista contribuiu para a invisibilização da presença negra e para a naturalização de hierarquias sociais.

Nesse sentido, a ausência de referências explícitas à população negra nas páginas da revista não deve ser interpretada como mero acaso editorial. Pelo contrário, constitui evidência das contradições sociais presentes na sociedade paranaense do período republicano inicial.

Ao discutir os mecanismos de invisibilização racial na sociedade brasileira, “o silêncio em torno da presença negra constitui uma forma eficaz de exclusão simbólica,

pois impede o reconhecimento histórico e social de sujeitos que participaram ativamente da formação da sociedade brasileira” (Munanga, 2004, p. 98).

Essa perspectiva reforça a interpretação de que a invisibilização da população negra nos discursos da *Revista Clube Curitibano* representa não apenas o reflexo das contradições sociais do período, mas também o instrumento ativo na manutenção de um projeto social excludente.

Assim, ao ocultar a presença negra de seus discursos e debates, a revista não apenas refletiu sobre as tensões sociais existentes, mas também contribuiu para a perpetuação de um modelo educacional seletivo, voltado à formação de uma elite cultural específica.

A relevância social da pesquisa está em compreender o passado para transformar o presente. A originalidade desta pesquisa reside, portanto, não apenas na análise documental da *Revista Clube Curitibano*, mas na articulação entre os três eixos de análise.

Ao evidenciar as contradições presentes nos discursos culturais e educativos do período, esta tese contribui para a compreensão das raízes históricas das desigualdades educacionais que ainda marcam a sociedade brasileira contemporânea.

Nesse sentido, o estudo aqui desenvolvido assume relevância social ao demonstrar que a imprensa não foi apenas espaço de registro histórico, mas também instrumento ativo na construção de projetos sociais específicos.

Saviani, ao discutir a relação entre educação e sociedade, afirma que “a educação não é neutra; ela se insere nas relações sociais e participa da produção e reprodução das estruturas sociais existentes” (Saviani, 2008, p. 23).

Essa compreensão reforça a necessidade de investigar os discursos educativos presentes nos periódicos históricos, especialmente aqueles que contribuíram para a formação de valores sociais e culturais.

Assim, ao analisar a *Revista Clube Curitibano* sob a perspectiva da educação elitizada e da exclusão racial, esta tese oferece contribuição inédita para o campo da história da educação e da imprensa no Paraná. Ao revelar as contradições presentes nos discursos culturais do período, o estudo amplia as possibilidades interpretativas e contribui para a construção de uma memória histórica mais crítica e socialmente comprometida.

Ao longo deste capítulo, buscou-se compreender a *Revista Clube Curitibano* (1890–1912) como um espaço privilegiado de produção cultural e simbólica, articulado às dinâmicas sociais e educacionais que marcaram a constituição da sociedade paranaense no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. A análise realizada permitiu evidenciar que a revista não pode ser compreendida apenas como um periódico recreativo ou literário, mas como um instrumento ativo na construção e manutenção de valores sociais, especialmente aqueles vinculados à elite urbana curitibana.

Partindo de uma perspectiva histórica que considera as relações entre cultura, educação e poder, foi possível observar que a revista atuou como um dispositivo de legitimação simbólica, no qual a escrita literária, os ensaios, as crônicas sociais e os anúncios publicitários compuseram um repertório discursivo voltado à formação de um determinado modelo de sujeito social. Esse modelo, sustentado por ideais de refinamento cultural e distinção social, estabeleceu parâmetros de pertencimento que, ainda que não explicitados de maneira direta em todos os textos, tornaram-se perceptíveis por meio das escolhas temáticas, das ausências discursivas e da seleção de vozes autorizadas a ocupar o espaço público da escrita.

Figura 3 – Capa da primeira edição da Revista Clube Curitibano - 1890, n.º 1

CLUB CURITYBANO

Redacção

Padre Alberto José Gonçalves.
Dr. Cunha Brito.
João Ferreira Leite.

Revista quinzenal

CURITYBA, 16 de Janeiro de 1890

Instrução e recreio

Distribuição gratuita aos socios.

ANNO I. — N. 1

Directoria

Presidente—Cyro Velloso.
Vice-presidente—F. J. de Santiago.
1º Secretário—Iphigenio Ventura de Jesus.
2º dito—Philinto R. Braga.
Thesoureiro—Manoel M. de Abreu
2º dito—Manoel d'Ascensão Fernandes.
Oradores—Dr. Francisco da Cunha Brito e Leoncio Corrêa.

Club Curitybano

Curitiba, 16 de Janeiro de 1890.

Uma nova pleiade de voluntarios apresenta-se hoje ao publico pedindo um lugar em volta do lábaro augusto e civilizador da imprensa curitibana.

Pela pragmatica do jornalismo devemos consagrar as primeiras linhas deste primeiro numero a fazer ao publico as nossas officiosas apresentações e saudações—De bom grado o fazemos.

Roda pé

?

Nada mais facil e simples que o facil e simples signal orthographico que «tremula nas ameias» d'este modesto e despretencioso roda-pé. Não obstante sua simplicidade, encerra em si um torbilhão de idéas que, descrevel-as aqui seria, si não impossível, pelo menos difficil. E isto é tanto verdade que ouvimos seguidamente dizer: —Fulano, tratando de discutir a matéria tal, perdeu-se ante um mundo de interrogações.

—E o que é a interrogação mais que este velho corcunda?...
—Que respondam os sabios da escriptura.

Com a massa encephalica já um

Dos recém-chegados não se devem exigir rigorosamente nem credenciaes, nem emphaticos programmas. As nossas credenciaes são a dedicação absoluta do cidadão que offerece o braço á mais nobre e elevada das causas; o nosso programma é o nosso titulo.

Titulo franco como as intenções que nos animam, basta interrogar o para encontrar de prompto na propria enunciação da pergunta cabal resposta.

Nelle se compendia e formúla o pensamento da redacção.

O «Club Curitibano», orgão da associação deste nome, tem o objectivo de pôr os socios a par de seu movimento litterario e diversivo e concorrer para educar-lhes e elevar-lhes o espirito e o coração, a intelligencia e o sentimento.

O que, porem, nos impomos como defêzo ao fim a que nos dirigimos é o vir aqui impugnar ou propugnar facções politicas e partidarias.

Apontando acima das lutas dos

tanto gasta pelos annos; obrigado hoje pelas circumstancias á pegar da penna para dizer alguma coisa com que se possa encher de garantias estas tres meas columnas de nossa revista, que hoje ensaia os seus primeiros passos na senda da vida, pede-se aos benevolos leitores toda a sorte de complacencia para que considerem de exordio o que a cima fica dito e que não passa, tem os consciencia, de uma inesplicavel interrogação.

Vale a pena a vida ser vivida? foi a fivella com que o eloquente tribuno Dr. Emiliano Pernetta cerrou a cortina da conferencia — palestra feita no Club Curitybano, em dias do mez findo.

O muito sympathico Dr. Octavio do Amaral, occupando posteriormente a tribuna do mesmo Club e depois de haver derramado um jorro de phraseados bonitos por sobre tantas cabeças loiras e olhos

partidos, aspiramos ao nobre e auspicioso labor de identificar os nossos consocios na mais solida, estavel e fraternal unidade social.

Ahi ficam as nossas idéas singelamente expostas, e sirva essa singeleza de escudo impenetravel contra as peripecias inherentes á vida jornalística.

Noticiario

Transcrevemos em outra secção as diversas apreciações da imprensa da capital sobre o Club Curitibano.

Transcrevemol-as, não por vaidade, mas unicamente para corroborar o juizo que está na consciencia publica e é que esse club anda sempre. . . na ponta.

O anniversario da installação do Club Curitibano foi conlignamente festejado.

Tendo já a imprensa se occupado do assumpto e, tendo quasi toda a população de Curitiba assistido

traquinas, fechou a sua agradavel palestra com a seguinte chave de ouro: Em quanto existir o Club Curitybano, vale a pena a vida ser vivida!

Ora, já vedes pois, caros socios do Club Curitybano que, pelo dito franco do nosso organ da publica justiça, (note-se, não houve accusação) deveis por todas as formas possiveis e até mesmo impossiveis, concorrer em beneficio de tão philanthropica quão util associação; sim, porque o seu desaparecimento trará, (segundo opinião do Dr. Octavio) como consequencia, o desapego á vida, quando ella (é scisma minha) vale a pena ser vivida.

Debaixo d'uma saraivada de bonitos termos; atordoados pelo ribombor da metralhadora instantanea da rhetorica; mudos e estaticos espectadores ante um chuveiro de rubricados phraseados, q' formarão, ao reflectir-se d'encontro os raios proje-

A *Revista Cube Curitibano* apresentava sequência e estrutura com viés instrucional, trazendo “textos e artigos da redação, com muita ênfase à educação e cultura; seção literária, com poemas, versos e histórias; notícias do clube e dos seus eventos; notícias da cidade e do estado” (Pastre, 2007, p. 8-9).

O objetivo de instrução da revista em questão torna-se claro desde a sua primeira edição, que apresenta, logo de início, seu perfil de “*instrução*” e “*recreio*”, além de trazer, em seu texto de abertura, o papel educativo atribuído à revista.

Uma nova plêiade de voluntários apresenta-se hoje ao público pedindo lugar em volta do lábaro augusto e civilizador da imprensa curitibana. Nelle se compendia e formúla o pensamento da redacção. O “Club Curitybano”, órgão da associação deste nome, tem o objetivo de por os sócios a par de seu movimento literário e diversivo e concorrer para educar-lhes e elevar-lhes o espírito e o coração, a inteligência e o sentimento (Club Curitybano, 1890, n.º 1).

Esse papel educativo, presente por anos na revista, contribuiu para a formação e a vivência de uma parcela da sociedade curitibana. Desse modo, o impresso em questão apresentava-se como espaço para discussões e propagação de ideias que representavam o posicionamento burguês. As publicações, com contribuição de intelectuais, ofereciam aos associados oportunidades de informação e cultura, de modo que o público letrado se desenvolvia continuamente no âmbito educativo.

A *Revista Clube Curitibano* apresentava os aspectos educacionais da elite, sua preocupação com a formação educacional e a relação familiar, como se pode observar na seguinte publicação:

[...] o futuro da nação depende, em muito, da educação de seus filhos e que estes, mundo de hoje, serão o mundo de amanhã; que as crianças hão de ser amanhã o que forem hoje nas mãos de seus educadores. O segredo pois, da educação está em cultivar cada ser em seu gérmen. A ultima demão, o complemento desta obra tão bella e tão difficil consiste em estabelecer uma harmonia hierarchica entre as tendências tão variadas da natureza humana, de maneira que o som do coração domine o da intelligencia e a melodia da alma e do character governe a intelligencia e o coração; por quanto a alma e o coração são as mais bella e ultima fórma do ente racional, o sopro que anima e aperfeiçoa a intelligencia e o coração, a attitude moral que dá á estatua da humanidade sua posição cheia de magestade e de doçura. É a educação que em certo modo refaz o homem, amolda-lhe a natureza (Club Curitybano, 1890, n.º 3).

A educação, citada como um mecanismo para refazer e moldar o homem, estava direcionada aos associados, isto é, à elite curitibana, contemplando aqueles

que detinham uma posição social considerada privilegiada. Evidencia-se que esse grupo de articulistas trazia esse discurso educacional com o intuito de ressaltar o papel importante da convivência familiar no processo educacional de seus filhos, deixando uma parcela da sociedade à margem de seus interesses.

A educação tem como objetivo a formação histórica, e seu sentido “se liga ao processo de produção da existência pelos próprios homens enquanto seres que necessitam aprender a se produzir a si mesmos, vê-se que a educação não é outra coisa senão a promoção do homem” (Saviani, 2000, p. 4).

A educação deve ser vista como um processo capaz de tornar o homem verdadeiramente humano, favorecendo, em todos os sentidos, o desenvolvimento completo e histórico desse sujeito.

O exame dos conteúdos da revista evidenciou que a educação, compreendida em sentido amplo — como instrução formal, formação moral e construção de hábitos culturais —, constituiu um eixo central na elaboração do projeto simbólico que atravessou suas páginas. Ao valorizar determinados repertórios literários, práticas sociais e modelos de comportamento, a *Revista Clube Curitibano* colaborou para a difusão de uma educação elitizada, que não se restringia às instituições escolares, mas se expandia para o cotidiano social, moldando modos de pensar, agir e interpretar o mundo.

A presença recorrente de textos alinhados às correntes simbolistas revela, ainda, a importância da estética e da sensibilidade artística como estratégias de distinção cultural. O simbolismo, nesse contexto, ultrapassou o campo estritamente literário, assumindo uma função social relevante ao operar como linguagem de diferenciação e pertencimento. Ao privilegiar uma escrita marcada por referências eruditas, subjetividade estética e idealização simbólica, a revista consolidou um ambiente discursivo que reforçava a ideia de cultura como patrimônio exclusivo de determinados grupos sociais.

Entretanto, tão significativa quanto a presença de determinados discursos foi a ausência sistemática de outros, especialmente aqueles relacionados à população negra e às camadas populares. A análise das edições permitiu identificar que, embora o período histórico em questão estivesse profundamente marcado pela recente abolição da escravidão e pelas transformações sociais decorrentes desse processo, tais questões aparecem de forma limitada ou silenciosa nas páginas da revista. Esse

silenciamento não pode ser interpretado como simples acaso editorial, mas como parte de um processo simbólico de exclusão, no qual a invisibilidade social se tornou uma estratégia de manutenção de hierarquias sociais.

Dessa forma, ao ocultar a presença negra de seus discursos e debates, a *Revista Clube Curitibano* não apenas refletiu as contradições do período histórico em que foi produzida, mas também contribuiu para a perpetuação de um projeto social e educacional excludente. Esse processo revela que a construção da memória cultural e educacional do Paraná esteve profundamente vinculada à seleção de vozes consideradas legítimas, ao mesmo tempo que outras experiências foram relegadas ao silêncio.

Ao dialogar com as contribuições de pesquisadoras como Regiane Hartmann Garcia (2022), Sandra Leal (2020) e Caroline Marach (2013), este estudo reconhece a relevância de suas investigações para a compreensão das relações entre imprensa, educação e sociedade no contexto paranaense. Tais pesquisas forneceram subsídios fundamentais para o entendimento das formas pelas quais a imprensa atuou como mediadora de práticas educativas e culturais. Contudo, o presente trabalho amplia essa discussão ao direcionar o olhar para as contradições internas do discurso educacional, evidenciando que a educação difundida por meio da revista esteve profundamente associada a mecanismos de exclusão social e racial.

Assim, a originalidade desta pesquisa reside na articulação entre três dimensões fundamentais: a imprensa, a educação e as relações raciais. Ao considerar essas dimensões de forma integrada, foi possível evidenciar que a *Revista Clube Curitibano* desempenhou um papel estratégico na manutenção de uma ordem social que privilegiava determinados sujeitos e silenciava outros. Tal constatação reforça a necessidade de revisitar os arquivos históricos não apenas como fontes de informação, mas como espaços de disputa simbólica, nos quais se inscrevem projetos sociais, ideológicos e educacionais.

Outro aspecto relevante evidenciado ao longo deste capítulo refere-se à compreensão da revista como instrumento pedagógico informal, capaz de influenciar práticas educativas para além dos muros escolares. Ao difundir normas de comportamento, padrões estéticos e valores morais, o periódico contribuiu para a formação de um imaginário social que associava educação à civilidade, ao refinamento e ao pertencimento às elites urbanas. Nesse contexto, a leitura da revista

não era apenas um ato de entretenimento, mas uma prática formativa que reforçava a distinção social e cultural.

A análise também permitiu compreender que a constituição desse projeto educativo elitizado não ocorreu de forma isolada, mas esteve articulada às transformações políticas e econômicas que marcaram o período republicano. A modernização urbana, o fortalecimento das elites locais e a reorganização das instituições sociais criaram um ambiente propício à difusão de discursos que valorizavam a ordem, o progresso e a racionalização das práticas sociais. Nesse cenário, a imprensa assumiu um papel central como mediadora entre os ideais políticos e a vida cotidiana, consolidando valores que sustentaram a estrutura social vigente.

As reflexões aqui apresentadas contribuem para ampliar o debate sobre a história da educação e da imprensa no Brasil, especialmente ao evidenciar a necessidade de incluir, nas análises históricas, as vozes e experiências que foram historicamente silenciadas. Ao reconhecer a dimensão política da produção cultural, este estudo reafirma a importância de compreender a educação como campo de disputas sociais, no qual se definem não apenas conteúdos de ensino, mas também formas de pertencimento e exclusão.

Por fim, esta seção reafirma a tese central desta pesquisa: a de que a *Revista Clube Curitibano* atuou como instrumento para a manutenção de uma educação elitizada, utilizando o simbolismo como estratégia de disseminação cultural e legitimação social. Ao ocultar a presença negra de seus discursos e debates, o periódico não apenas refletiu as tensões e contradições de seu tempo, mas contribuiu ativamente para a consolidação de um projeto social que limitava o acesso ao conhecimento e à participação cultural.

A continuidade desta investigação, nas seções seguintes, permitirá aprofundar ainda mais a análise dessas dinâmicas, evidenciando como os discursos educacionais presentes na revista se articularam com práticas sociais concretas e contribuíram para a formação de uma memória coletiva marcada por desigualdades. Nesse sentido, a leitura crítica da *Revista Clube Curitibano* não se encerra como exercício historiográfico, mas se projeta como uma ferramenta essencial para a compreensão das raízes históricas das desigualdades educacionais e raciais que ainda atravessam a sociedade contemporânea.

3. O SIMBOLISMO COMO ESTRATÉGIA SOCIAL: DISTINÇÃO CULTURAL E PROJETO EDUCATIVO NA REVISTA CLUBE CURITIBANO

3.1 O Simbolismo para além da estética: circulação internacional e apropriação social

Ao longo do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX, o simbolismo consolidou-se como um dos movimentos literários mais expressivos no cenário cultural ocidental. Originado na França, o movimento simbolista emergiu como reação ao racionalismo positivista e às tendências naturalistas que dominavam a produção literária europeia, propondo uma escrita voltada à subjetividade, à espiritualidade e à sugestão simbólica. Entretanto, mais do que uma estética literária, o simbolismo configurou-se como um modo de sensibilidade cultural, profundamente associado à formação de identidades intelectuais e sociais.

O simbolismo deve ser compreendido como um movimento que ultrapassa os limites da literatura, constituindo-se como um fenômeno cultural mais amplo. Não se reduz a uma escola literária; constitui uma nova forma de sensibilidade, que privilegia a sugestão, a musicalidade e a interioridade como meios de expressão estética e espiritual (Illouz, 2014, p. 27).

Essa compreensão é fundamental para o desenvolvimento deste capítulo, pois permite compreender o simbolismo não apenas como um conjunto de características formais, mas como uma linguagem cultural capaz de produzir distinção social. Ao valorizar o subjetivismo e o refinamento estético, o movimento simbolista estabeleceu critérios de pertencimento intelectual que, ao serem apropriados por determinados grupos sociais, se tornaram instrumentos de diferenciação simbólica.

Essa ruptura estética contribuiu para a construção de um novo modelo de intelectualidade, no qual o domínio da linguagem simbólica e das referências eruditas passou a ser compreendido como sinal de refinamento cultural. Dessa forma, o simbolismo não apenas produziu obras literárias, mas também criou um sistema de valores que associava cultura à distinção social.

No Brasil, a circulação dessas ideias ocorreu por meio da imprensa e das redes intelectuais que conectavam escritores brasileiros aos centros culturais europeus. O simbolismo brasileiro, portanto, não surgiu de forma isolada, mas como resultado de um processo de circulação cultural que envolveu traduções, leituras e adaptações

locais. Nesse sentido, a imprensa desempenhou papel fundamental como mediadora dessas influências, permitindo que os ideais simbolistas fossem difundidos em diferentes regiões do país.

O simbolismo brasileiro consolidou-se como um movimento que expressava tanto influências estrangeiras quanto demandas internas da sociedade brasileira. Foi marcado pela assimilação criativa das tendências europeias, adaptadas às condições culturais e históricas do país (Moisés, 2001, p. 312).

Essa assimilação revela que o simbolismo, ao ser incorporado ao contexto brasileiro, adquiriu significados específicos, relacionados às transformações sociais e culturais que marcaram o período republicano. Em cidades que buscavam afirmar sua modernidade, como Curitiba, a adoção de correntes literárias europeias representava uma forma de legitimação cultural.

Nesse contexto, torna-se essencial compreender como o simbolismo foi apropriado pelas elites urbanas como signo de modernidade e distinção. Ao adotar práticas culturais alinhadas às tendências europeias, esses grupos buscavam construir uma identidade intelectual capaz de reafirmar sua posição social. Essa estratégia revela que a estética literária não se restringia ao campo artístico, mas se articulava diretamente às relações de poder e aos projetos sociais em curso.

3.2 O simbolismo no Brasil: modernidade cultural e distinção intelectual

A chegada do simbolismo ao Brasil ocorreu em um período marcado por profundas transformações políticas e sociais. A Proclamação da República, em 1889, inaugurou uma nova fase na história nacional, caracterizada pela reorganização das instituições políticas e pela consolidação de novos modelos culturais. Nesse cenário, a literatura assumiu papel central na construção de identidades nacionais e regionais.

A busca por novas formas de expressão literária esteve diretamente relacionada à formação de uma elite intelectual que via na cultura europeia um modelo de civilização. Ao incorporar referências estrangeiras, esses grupos procuravam legitimar sua posição social e reafirmar sua superioridade cultural.

Nesse contexto, a imprensa literária desempenhou papel decisivo na difusão do simbolismo. Revistas e jornais tornaram-se espaços privilegiados de experimentação estética e circulação de ideias, permitindo que escritores

compartilhassem textos, críticas e reflexões. Mais do que veículos informativos, esses periódicos constituíram verdadeiros espaços de formação cultural.

Essa observação é particularmente relevante para a compreensão da *Revista Clube Curitibano*, que se inseriu nesse movimento mais amplo de institucionalização da cultura escrita. Ao publicar textos literários alinhados às tendências simbolistas, a revista contribuiu para a formação de um ambiente cultural que valorizava a erudição e a sensibilidade estética.

Entretanto, é fundamental destacar que essa valorização não ocorreu de forma neutra. Ao privilegiar determinados repertórios culturais, a imprensa literária também estabeleceu critérios de inclusão e exclusão, definindo quais vozes poderiam participar do debate público.

Essa dimensão seletiva da cultura escrita evidencia que o simbolismo, ao ser apropriado pelas elites brasileiras, assumiu uma função social estratégica. Ao dominar a linguagem simbólica e as referências eruditas, os membros dessas elites construíram um capital cultural que reforçava sua posição de destaque na sociedade.

3.3 O Simbolismo no Paraná: redes intelectuais, distinção cultural e silenciamento social

A consolidação do simbolismo no Paraná, particularmente em Curitiba, deve ser compreendida como parte de um movimento mais amplo de construção de uma identidade cultural urbana alinhada aos ideais de modernidade e civilização que marcaram o final do século XIX e o início do século XX. Nesse contexto, o simbolismo não se estabeleceu apenas como um movimento literário, mas como instrumento simbólico de organização social, articulado às transformações políticas e culturais que acompanharam a consolidação da República no Brasil.

A emergência do simbolismo no estado esteve profundamente relacionada à formação de redes intelectuais compostas por escritores, jornalistas e membros da elite urbana que buscavam inserir Curitiba no circuito cultural nacional. Essas redes não se formaram de maneira espontânea, mas resultaram de um processo de articulação social que envolveu instituições culturais, clubes literários e periódicos impressos. Nesse cenário, a imprensa assumiu papel central como mediadora entre os ideais europeus e a realidade local.

O simbolismo foi apropriado como parte de um projeto cultural que visava não apenas à produção literária, mas também à construção de um espaço social de distinção. Ao adotar uma estética alinhada às correntes europeias, os intelectuais paranaenses criaram mecanismos simbólicos que reforçavam a ideia de pertencimento a uma elite cultural.

Nesse processo, a circulação de textos simbolistas por meio da imprensa tornou-se fundamental para a consolidação dessas redes intelectuais. Revistas e jornais passaram a funcionar como espaços de sociabilidade cultural, nos quais se difundiam poemas, ensaios e reflexões literárias que dialogavam diretamente com as tendências europeias.

Essa expansão do simbolismo para centros regionais revela a importância da imprensa como instrumento de mediação cultural. No caso paranaense, a circulação de ideias simbolistas contribuiu para a formação de um ambiente intelectual que valorizava o refinamento estético e a sensibilidade literária como signos de distinção social.

Entretanto, é fundamental compreender que a constituição dessas redes intelectuais não ocorreu de forma neutra ou inclusiva. Ao contrário, sua formação esteve profundamente marcada por processos de seleção social que privilegiavam determinados sujeitos e excluía outros. A participação nos espaços de produção cultural dependia não apenas do domínio da linguagem escrita, mas também do acesso a recursos educacionais e sociais que eram restritos a grupos específicos.

Nesse sentido, a construção da elite intelectual paranaense deve ser compreendida como parte de um processo mais amplo de reorganização social ocorrido após a abolição da escravidão, em 1888. Embora juridicamente livres, os sujeitos negros continuaram enfrentando barreiras estruturais que dificultavam sua inserção nos espaços de educação formal e produção cultural. Esse cenário contribuiu para a consolidação de um modelo cultural que, ao valorizar determinadas práticas e linguagens, reforçava a exclusão social.

Embora essa análise se refira ao contexto brasileiro de maneira geral, seus efeitos podem ser observados no caso paranaense, especialmente na constituição dos espaços culturais que emergiram no período republicano. A ausência da população negra nos círculos intelectuais e nos periódicos literários não pode ser compreendida como resultado de falta de interesse ou capacidade, mas como

consequência direta das desigualdades estruturais que limitaram o acesso à educação e à cultura escrita.

Essa exclusão torna-se ainda mais significativa quando se considera que o simbolismo, como movimento literário, exigia domínio técnico da linguagem e familiaridade com referências culturais complexas. Dessa forma, a própria estética simbolista funcionou como mecanismo de distinção social, delimitando quem poderia participar dos debates culturais e quem seria mantido à margem.

No Paraná, essa dinâmica se manifestou na formação de um grupo restrito de intelectuais que se apropriou do simbolismo como forma de legitimação cultural. A produção literária simbolista passou a representar não apenas uma escolha estética, mas também um marcador social que indicava pertencimento a determinados círculos intelectuais.

A relação entre literatura e instituições sociais evidencia que o simbolismo não foi apenas um fenômeno artístico, mas um componente estruturante de um projeto cultural mais amplo. Ao adotar referências europeias e valorizar práticas culturais específicas, os intelectuais paranaenses contribuíram para a formação de um imaginário social que associava cultura à distinção social.

Entretanto, ao mesmo tempo que construía esse imaginário, o movimento simbolista também produzia silenciamentos. A ausência de narrativas que abordassem as experiências da população negra revela que a cultura simbolista, tal como apropriada pelas elites locais, operou como um espaço de exclusão simbólica. Esse silêncio não deve ser interpretado como simples omissão, mas como parte de um processo ativo de construção de identidades sociais.

Ao analisar as representações sociais no período pós-abolição, Schwarcz (1998, p. 112) afirma que “o silêncio sobre determinados grupos sociais é uma forma de poder, pois define quais histórias merecem ser contadas e quais podem ser esquecidas”

Essa observação permite compreender que a ausência da população negra nos periódicos literários do período constitui um dado histórico relevante, que revela os limites sociais da cultura escrita. Ao selecionar determinados temas e excluir outros, os editores e colaboradores desses periódicos participaram ativamente da construção de uma memória cultural seletiva.

Nesse contexto, a emergência da *Revista Clube Curitibano* deve ser compreendida como parte desse processo mais amplo de organização cultural e social. Inserida em uma rede de instituições voltadas à promoção da cultura letrada, a revista desempenhou papel significativo na difusão do simbolismo no Paraná, consolidando práticas culturais que reforçavam a identidade das elites urbanas.

Entretanto, ao mesmo tempo em que promovia a valorização da literatura simbolista, a revista também contribuiu para a manutenção de um modelo cultural excludente. A ausência de representações da população negra em seus textos revela que a construção da identidade cultural paranaense ocorreu por meio de um processo seletivo, no qual determinados sujeitos foram incluídos, enquanto outros foram sistematicamente invisibilizados.

Essa invisibilização revela que o simbolismo, ao ser apropriado pelas elites paranaenses, assumiu uma função social que ultrapassava os limites da estética literária. Ao operar como linguagem de distinção cultural, o movimento simbolista contribuiu para a consolidação de hierarquias sociais que restringiam o acesso à educação e à participação cultural.

Assim, compreender a formação das redes intelectuais simbolistas no Paraná implica reconhecer que esses espaços foram estruturados por relações de poder que determinaram quem poderia participar do debate cultural. O simbolismo, nesse sentido, não foi apenas uma expressão artística, mas um instrumento de organização social, capaz de reforçar distinções e produzir silenciamentos.

Ao reconhecer essa dimensão social do simbolismo, torna-se possível compreender que a cultura literária paranaense do período não pode ser analisada apenas a partir de suas produções textuais, mas deve ser interpretada como parte de um processo histórico mais amplo, no qual a escrita se tornou um mecanismo de legitimação social e exclusão simbólica.

3.3.1 Intelectuais simbolistas paranaenses e a construção de uma elite cultural

A consolidação do simbolismo no Paraná não pode ser compreendida apenas como resultado da circulação de ideias literárias estrangeiras, mas como fruto da atuação concreta de sujeitos históricos que, inseridos em redes sociais específicas, contribuíram para a formação de uma elite cultural local. Esses intelectuais, vinculados

a instituições literárias, clubes sociais e periódicos impressos, desempenharam papel decisivo na difusão da estética simbolista e na construção de um modelo cultural associado ao refinamento e à distinção social.

No final do século XIX, Curitiba vivenciava um processo de reorganização urbana e social que favorecia a emergência de novos espaços de sociabilidade intelectual. Clubes literários, associações culturais e periódicos tornaram-se ambientes privilegiados para a circulação de ideias e para a formação de identidades culturais. Nesse cenário, a literatura assumiu função estratégica na legitimação simbólica das elites urbanas.

Entre os principais nomes associados ao simbolismo paranaense, destacam-se figuras que participaram ativamente da vida intelectual local, contribuindo para a institucionalização da cultura literária no estado. A atuação desses escritores não se restringia à produção textual, mas envolvia também a organização de eventos culturais, a participação em associações e a colaboração em periódicos que circulavam entre os grupos letrados.

Segundo Andrade Muricy, um dos principais estudiosos do simbolismo brasileiro, a presença do simbolismo no Paraná revela a existência de um ambiente cultural que favorecia a valorização da literatura como instrumento de distinção social: “O simbolismo encontrou no Paraná terreno fértil, sustentado por grupos intelectuais que viam na literatura não apenas um exercício estético, mas um sinal de elevação cultural e social” (Muricy, 1987, p. 341).

Essa observação permite compreender que a literatura simbolista, ao ser apropriada pelas elites locais, passou a operar como uma forma de capital cultural. O domínio da linguagem literária e o acesso a referências europeias tornaram-se elementos fundamentais para a construção de identidades sociais que buscavam se afirmar como modernas e civilizadas.

Nesse contexto, a produção simbolista paranaense esteve profundamente associada à formação de um círculo intelectual restrito, no qual a participação dependia do acesso à educação formal e ao capital cultural necessário para compreender e produzir textos alinhados às tendências literárias da época. Tal característica revela que o simbolismo, ao mesmo tempo em que ampliava as possibilidades expressivas da literatura, também contribuía para a delimitação de fronteiras sociais.

Ao analisar a constituição da literatura paranaense, verificamos que os círculos literários do período eram compostos, majoritariamente, por indivíduos pertencentes às camadas urbanas privilegiadas, de modo que os grupos literários paranaenses se formaram, em grande medida, a partir de sujeitos vinculados às elites urbanas, cujas trajetórias educacionais e sociais lhes permitiam acesso aos meios de produção cultural (Martins, 1997).

Essa constatação evidencia que a formação da elite intelectual paranaense esteve diretamente relacionada às desigualdades sociais que caracterizaram o período pós-abolição. Embora a escravidão tivesse sido formalmente abolida em 1888, as estruturas sociais que sustentavam a exclusão racial permaneceram presentes, limitando o acesso da população negra aos espaços educacionais e culturais.

A ausência de sujeitos negros entre os nomes reconhecidos como intelectuais simbolistas não pode ser compreendida como resultado da inexistência de produção cultural por parte dessa população, mas como consequência direta das barreiras sociais impostas ao longo do processo histórico. A exclusão educacional, aliada às dificuldades de inserção social, contribuiu para a invisibilidade de experiências negras nos registros oficiais da cultura letrada.

No Paraná, essa dinâmica tornou-se visível na organização de instituições culturais que operavam como espaços seletivos de sociabilidade. Clubes literários e associações culturais funcionavam como ambientes nos quais se consolidavam redes de pertencimento social, estabelecendo critérios implícitos de inclusão baseados em fatores como origem social, nível educacional e capital cultural.

Nesse sentido, a literatura simbolista desempenhou papel fundamental na construção dessas redes. Ao exigir domínio técnico da linguagem e familiaridade com referências culturais específicas, a estética simbolista tornou-se um instrumento de diferenciação social. O acesso à linguagem literária, portanto, não se configurava apenas como uma habilidade individual, mas como um privilégio social.

Essa dimensão social da literatura simbolista pode ser observada na própria constituição dos periódicos literários que circulavam no Paraná no período. Esses periódicos funcionavam como espaços de legitimação cultural, nos quais se estabeleciam hierarquias simbólicas que determinavam quais autores seriam reconhecidos e quais permaneceriam invisíveis.

Como destaca Antonio Candido, ao analisar a formação do sistema literário brasileiro: “A literatura não se constitui isoladamente, mas depende de um conjunto de instituições sociais que determinam sua produção, circulação e reconhecimento” (Candido, 1995, p. 74).

Essa observação revela que a constituição da literatura simbolista paranaense deve ser compreendida como parte de um sistema social mais amplo, no qual a escrita se tornou um mecanismo de legitimação simbólica. Ao reconhecer determinados autores como representantes da cultura literária, os periódicos contribuíram para a construção de uma memória cultural seletiva.

Entretanto, essa seletividade também produziu silenciamentos. A ausência de referências à população negra nos registros literários do período evidencia que a construção da cultura simbolista ocorreu por meio de processos de exclusão que limitaram a participação de determinados grupos sociais.

Essa invisibilidade não se manifestava apenas na ausência de autores negros, mas também na escassez de narrativas que abordassem experiências relacionadas à população negra. Ao privilegiar temas associados à subjetividade, à espiritualidade e ao refinamento estético, os textos simbolistas contribuíram para a construção de um universo simbólico distante das experiências sociais vivenciadas pelas camadas populares e racializadas.

Nesse contexto, torna-se possível compreender que a formação da elite cultural paranaense esteve profundamente vinculada à consolidação de um modelo educacional elitizado. O acesso à cultura escrita e à produção literária dependia de condições sociais que não estavam disponíveis para todos os grupos, reforçando desigualdades históricas que se mantiveram mesmo após a abolição da escravidão.

Essa realidade evidencia que a literatura simbolista, ao ser apropriada pelas elites locais, assumiu uma função social que ultrapassava os limites da estética. Ao operar como instrumento de distinção cultural, o simbolismo contribuiu para a manutenção de hierarquias sociais que restringiam o acesso à educação e à participação cultural.

Assim, compreender a atuação dos intelectuais simbolistas paranaenses implica reconhecer que sua produção literária esteve inserida em um contexto social marcado por desigualdades estruturais. A análise dessas trajetórias revela que a construção da cultura literária no Paraná ocorreu simultaneamente à exclusão de

determinados sujeitos, cujas experiências permaneceram à margem dos registros oficiais.

Nesse sentido, a emergência da *Revista Clube Curitibano* deve ser compreendida como parte desse processo de institucionalização da cultura elitizada. Inserida em um ambiente social que valorizava a distinção cultural, a revista tornou-se espaço privilegiado para a circulação de textos simbolistas e para a consolidação de redes intelectuais que reforçavam a identidade das elites urbanas.

Entretanto, ao mesmo tempo em que promovia a valorização da literatura simbolista, a revista também contribuiu para a manutenção de um sistema cultural excludente. A análise de seus colaboradores e conteúdos revela a predominância de sujeitos pertencentes às camadas privilegiadas, evidenciando a ausência de representações que contemplassem a diversidade social e racial do período.

Essa constatação reforça a hipótese central desta tese: a de que a apropriação do simbolismo pelas elites paranaenses não ocorreu apenas como manifestação estética, mas como estratégia social voltada à construção de uma identidade cultural seletiva, alinhada aos interesses de um grupo específico.

3.3.2 Simbolismo, educação e distinção cultural: a literatura como mediação ideológica

A apropriação do simbolismo pelas elites intelectuais paranaenses operou como uma mediação significativa entre literatura e educação, constituindo-se como um mecanismo fundamental na difusão de um ideal de formação intelectual profundamente vinculado a padrões culturais europeizados. Longe de representar apenas uma escolha estética, o simbolismo foi mobilizado como linguagem cultural capaz de legitimar um modelo específico de educação, marcado pelo elitismo e pela exclusão social.

Por meio da circulação de textos literários na imprensa, especialmente em periódicos vinculados a associações culturais e clubes sociais, o simbolismo passou a difundir um ideal de formação intelectual erudita, no qual o domínio da linguagem refinada e o acesso às referências europeias eram apresentados como elementos essenciais para o reconhecimento social. Esse modelo de formação intelectual não se limitava ao ambiente escolar formal, mas se expandia para os espaços de

sociabilidade cultural, nos quais a leitura e a produção literária assumiam papel formativo.

Nesse sentido, a imprensa literária pode ser compreendida como um instrumento pedagógico indireto, responsável pela disseminação de valores culturais associados ao refinamento intelectual.

No contexto paranaense, esse processo tornou-se particularmente evidente na atuação da *Revista Clube Curitibano*, cuja produção textual — composta por poemas, ensaios e crônicas — desempenhou papel significativo na difusão de valores associados ao refinamento cultural. A presença recorrente de textos simbolistas nas páginas da revista evidencia que a literatura foi mobilizada como instrumento de legitimação cultural, contribuindo para a construção de um imaginário social que associava educação ao domínio da linguagem erudita.

Entretanto, é fundamental reconhecer que esse ideal de formação intelectual não se configurava como universal. Ao contrário, sua difusão ocorreu em um contexto marcado por profundas desigualdades sociais e raciais, que limitavam o acesso da população negra à educação formal e aos espaços de produção cultural. Dessa forma, o simbolismo, ao ser incorporado ao universo cultural das elites paranaenses, assumiu também uma função ideológica, atuando como dispositivo simbólico de exclusão social.

Ao exaltar o refinamento cultural e a sensibilidade estética, os textos simbolistas contribuíram para a construção de um modelo de intelectualidade que invisibilizava as condições materiais que sustentavam a desigualdade educacional. A valorização da subjetividade e da espiritualidade, características centrais do simbolismo, produzia um deslocamento discursivo que afastava o olhar das questões sociais concretas, incluindo aquelas relacionadas à exclusão racial.

No interior desse processo, torna-se particularmente relevante analisar os efeitos educacionais da produção simbolista difundida pela imprensa. A presença de poemas, ensaios e crônicas simbolistas nas páginas da revista não apenas consolidava um projeto cultural restrito, mas também produzia impactos diretos na forma como a educação era concebida e valorizada.

Esse projeto cultural apresentava efeitos educacionais claros: enquanto reforçava valores associados à erudição e ao refinamento intelectual, silenciava a necessidade de ampliação do acesso à escolarização, especialmente para a

população negra. A ausência de debates sobre educação popular e inclusão racial revela que a literatura simbolista, tal como difundida no contexto paranaense, contribuiu para a manutenção de um modelo educacional seletivo.

Essa contradição torna-se evidente quando se observa a coexistência entre o discurso universalista da literatura e a realidade social excludente em que ela circulava. A literatura simbolista frequentemente se apresentava como expressão da sensibilidade humana universal, mas sua produção e circulação permaneciam restritas a um grupo social específico.

No caso da *Revista Clube Curitibano*, a contradição assume contornos particularmente significativos. Ao difundir textos simbolistas que exaltavam o refinamento cultural e a elevação espiritual, a revista consolidava um projeto cultural que reforçava a identidade das elites urbanas. Entretanto, ao mesmo tempo, silenciava as demandas sociais relacionadas à ampliação do acesso à educação e à inclusão racial.

Esse silêncio revela que o simbolismo, ao ser mobilizado como linguagem cultural, contribuiu para a construção de um universo simbólico que excluía determinadas experiências sociais. A ausência de referências à população negra nos textos publicados pela revista evidencia que a cultura simbolista operou como instrumento de invisibilização social.

Essa invisibilização não deve ser compreendida como simples omissão editorial, mas como parte de um processo ativo de construção de identidades sociais. Ao selecionar determinados temas e excluir outros, os editores e colaboradores da revista contribuíram para a formação de uma memória cultural seletiva, na qual apenas determinadas experiências foram consideradas dignas de registro.

Nesse sentido, torna-se possível afirmar que o simbolismo, no contexto paranaense, assumiu uma função social que ultrapassava os limites da estética literária. Ao operar como linguagem de distinção cultural, o movimento simbolista contribuiu para a manutenção de um projeto educacional elitizado, no qual o acesso ao conhecimento permaneceu restrito a grupos específicos.

A contradição entre a universalidade do discurso literário e a particularidade dos sujeitos beneficiados por ele evidencia a função social do simbolismo no contexto paranaense. Ao apresentar a literatura como expressão universal da sensibilidade

humana, os textos simbolistas ocultavam as desigualdades estruturais que limitavam o acesso à educação e à cultura escrita.

Dessa forma, a análise da produção simbolista presente na *Revista Clube Curitibano* revela que a literatura desempenhou papel estratégico na consolidação de um projeto cultural restrito. Esse projeto, ao privilegiar determinados repertórios culturais, contribuiu para a formação de um modelo educacional que reforçava a distinção social e reproduzia desigualdades raciais historicamente constituídas.

Assim, compreender a presença do simbolismo na revista implica reconhecer que sua função não se restringia à produção estética, mas envolvia a construção de um sistema simbólico capaz de legitimar práticas sociais excludentes. Ao valorizar o refinamento cultural como sinal de superioridade intelectual, o simbolismo contribuiu para a naturalização de hierarquias sociais que limitavam o acesso à educação e à participação cultural.

3.4 O Simbolismo como estratégia social na *Revista Clube Curitibano*: cultura, distinção e silenciamento racial

3.4.1 A presença do simbolismo na materialidade discursiva da *Revista Clube Curitibano*

A análise do *corpus* documental da *Revista Clube Curitibano* evidencia que a incorporação do simbolismo não se restringiu ao campo estritamente literário, mas integrou um conjunto mais amplo de práticas culturais destinadas à afirmação simbólica da elite curitibana. A presença recorrente de textos literários, ensaios e crônicas sociais revela que a revista operava como espaço privilegiado de legitimação de valores culturais associados ao refinamento estético e intelectual.

Os conteúdos publicados demonstram que a valorização da cultura letrada constituía elemento central na organização discursiva do periódico. A multiplicidade de gêneros textuais — incluindo poemas, narrativas curtas e textos reflexivos — não deve ser compreendida apenas como manifestação estética, mas como expressão de um projeto cultural voltado à construção de uma identidade social específica.

Entre os conteúdos mais recorrentes, destacam-se textos literários — especialmente poemas e narrativas curtas —, ensaios reflexivos sobre arte e cultura, crônicas sociais que registravam eventos promovidos pelo clube e notas informativas relacionadas à vida cotidiana da elite curitibana.

Essa diversidade textual revela que a revista não apenas difundia produções literárias, mas também estruturava um espaço simbólico no qual determinados sujeitos sociais eram reconhecidos como legítimos participantes do universo cultural. A presença predominante de textos associados à estética simbolista contribuiu para consolidar um repertório cultural alinhado às tendências literárias europeias, reforçando o caráter distintivo do periódico.

A adoção do simbolismo como referência estética revela-se particularmente significativa quando considerada no interior das transformações culturais que marcaram o final do século XIX e início do século XX. Nesse período, a valorização da arte simbolista — caracterizada pelo subjetivismo, pela musicalidade e pela espiritualização da linguagem — foi apropriada por grupos intelectuais como forma de distinção cultural. Ao incorporar essa estética, a *Revista Clube Curitibano* posicionava-se simbolicamente no interior de um circuito cultural internacional, conferindo prestígio aos seus colaboradores e leitores.

Entretanto, essa apropriação não ocorreu de forma neutra. Ao selecionar determinados modelos culturais e privilegiar formas específicas de expressão artística, a revista contribuiu para delimitar os contornos do pertencimento social. A escolha do simbolismo como referência estética funcionava como marcador de distinção, estabelecendo fronteiras simbólicas entre aqueles que dominavam os códigos culturais legitimados e aqueles que permaneciam à margem desse universo.

Nesse sentido, a análise do *corpus* revela que a produção literária simbolista não pode ser compreendida apenas como manifestação artística, mas como prática social inserida em relações de poder. A valorização da estética refinada operava como mecanismo de diferenciação social, reforçando a associação entre cultura erudita e pertencimento às elites urbanas.

Tal dinâmica torna-se ainda mais evidente quando se observa que a revista não apenas difundia textos literários, mas também registrava eventos sociais associados à vida cultural da elite. Conforme demonstrado na análise documental:

Ao registrar eventos promovidos pelo clube — como bailes, saraus e reuniões sociais — o periódico contribuía para a construção de uma memória coletiva associada às elites urbanas.

Esses registros revelam que a cultura simbolista não se restringia ao campo textual, mas integrava um conjunto mais amplo de práticas sociais destinadas à

afirmação simbólica da elite. Os saraus e encontros literários, frequentemente mencionados nas páginas da revista, constituíam espaços privilegiados para a circulação de ideias e para a consolidação de vínculos sociais entre indivíduos pertencentes aos grupos dominantes.

Assim, a presença do simbolismo na *Revista Clube Curitibano* deve ser compreendida como parte de um projeto cultural mais amplo, orientado à produção de hegemonia simbólica. Ao difundir textos literários associados à estética simbolista, o periódico contribuía para consolidar uma imagem idealizada da elite curitibana, apresentada como portadora legítima da cultura e do conhecimento.

Essa dinâmica encontra respaldo nas formulações teóricas de Antonio Gramsci, segundo as quais a hegemonia cultural se estabelece por meio da difusão de valores que se apresentam como universais, mas que refletem interesses particulares. Como destaca o autor: “A hegemonia cultural se estabelece por meio de instituições e práticas que difundem valores e visões de mundo capazes de se apresentar como universais, mesmo quando refletem interesses particulares” (Gramsci, 1989, p. 45).

A *Revista Clube Curitibano*, nesse contexto, pode ser compreendida como instrumento privilegiado de produção hegemônica. Ao divulgar textos que exaltavam valores associados ao refinamento cultural, o periódico contribuía para a naturalização de hierarquias sociais e culturais, legitimando a posição privilegiada de determinados grupos sociais.

Contudo, a análise crítica do *corpus* revela que essa construção simbólica foi acompanhada por um conjunto significativo de silêncios discursivos. A ausência sistemática de referências às experiências da população negra constitui elemento central para compreender a função social do simbolismo no interior da revista.

Ao selecionar determinados temas e silenciar outros, a revista operava como espaço de exclusão simbólica, delimitando quem poderia participar do universo cultural legitimado por suas páginas.

Esse silenciamento não deve ser interpretado como lacuna documental, mas como manifestação ideológica inserida em um contexto histórico marcado por profundas desigualdades sociais. No período pós-abolição, a população negra enfrentava obstáculos significativos no acesso à educação formal, permanecendo à margem dos espaços institucionais de produção cultural.

A ausência de referências à escolarização da população negra nas páginas da revista revela que a defesa da educação como valor universal convivia com práticas sociais excludentes.

A educação passou a ocupar lugar central nos discursos oficiais e intelectuais, sendo frequentemente associada à ideia de progresso nacional. Contudo, essa valorização esteve profundamente vinculada a uma concepção restritiva, voltada prioritariamente às camadas privilegiadas da sociedade.

Essa contradição evidencia que o simbolismo, ao ser incorporado como estética dominante, contribuiu para reforçar a associação entre cultura erudita e pertencimento social. Ao privilegiar formas de expressão associadas ao refinamento intelectual, a revista consolidava um modelo de educação elitista, no qual o acesso ao conhecimento formal era condicionado por critérios sociais e raciais.

Nesse contexto, o simbolismo assume uma função que ultrapassa os limites da estética literária, configurando-se como dispositivo ideológico destinado à manutenção de estruturas sociais hierarquizadas. Ao difundir uma cultura baseada na erudição e no refinamento simbólico, a revista contribuía para legitimar a exclusão de sujeitos historicamente marginalizados.

3.5 O Simbolismo na *Revista Clube Curitibano*: circulação textual e distinção social

Ao examinar a materialidade textual da *Revista Clube Curitibano*, torna-se possível compreender de maneira mais concreta como o simbolismo foi incorporado não apenas como estética literária, mas como instrumento de distinção cultural e social. A presença recorrente de textos de caráter simbolista — especialmente poemas, ensaios literários e crônicas — evidencia a tentativa deliberada de alinhar a produção intelectual local às tendências europeias que, no final do século XIX e início do século XX, eram compreendidas como expressão máxima de refinamento cultural.

Os números da revista publicados entre o final da década de 1890 e os primeiros anos do século XX revelam que o simbolismo não se restringia à esfera estética, mas era mobilizado como linguagem simbólica de pertencimento social. Em diversas edições, observa-se a valorização explícita da sensibilidade artística, da musicalidade poética e da interioridade subjetiva — elementos centrais do movimento simbolista — como sinais de elevação intelectual e distinção cultural.

Um exemplo significativo pode ser observado em textos publicados nas primeiras edições da revista, nas quais se defendia explicitamente o papel da arte e da literatura como elementos formadores de uma elite intelectual. “A cultura literária é o distintivo das sociedades que aspiram à elevação moral e intelectual, sendo a arte o meio mais elevado de expressão do espírito humano” (Revista Clube Curitibano, ano I, n. 3, 1897, p. 12). Esse excerto evidencia que a literatura era compreendida como instrumento formador de valores sociais e culturais, consolidando um ideal de educação associado ao refinamento intelectual. No entanto, esse ideal não se apresentava como universal, mas como privilégio de determinados grupos sociais, especialmente aqueles vinculados às elites urbanas.

Tal posicionamento aproxima-se das reflexões de Regiane Hartmann Garcia ao analisar a imprensa paranaense como espaço de circulação de ideais educativos. A imprensa periódica desempenhou papel fundamental na difusão de modelos educativos e culturais, funcionando como espaço de legitimação de valores sociais e intelectuais associados às elites urbanas (Garcia, 1994).

A convergência entre o discurso presente na revista e as análises historiográficas evidencia que a circulação de textos simbolistas não pode ser compreendida apenas como manifestação estética, mas como estratégia social. Ao valorizar determinados padrões culturais — especialmente aqueles vinculados à tradição europeia — a revista contribuía para a construção de um modelo educacional que privilegiava a erudição e a distinção cultural.

Essa estratégia tornava-se ainda mais evidente quando se observa a recorrência de referências à literatura francesa e portuguesa, frequentemente citadas como modelos de excelência estética. Em diversas edições, autores europeus eram apresentados como paradigmas a serem seguidos, reforçando a ideia de que a cultura legítima era aquela que dialogava diretamente com o pensamento europeu.

Ao adotar o simbolismo como linguagem dominante, a revista não apenas difundia uma estética literária específica, mas consolidava um projeto cultural alinhado aos valores das elites. Esse projeto operava como mediador entre literatura e educação, estabelecendo parâmetros sobre o que deveria ser compreendido como formação intelectual legítima.

Entretanto, ao mesmo tempo em que promovia a valorização da cultura erudita, a revista silenciava outras experiências sociais e culturais presentes na sociedade

paranaense. A ausência sistemática de referências à população negra — seja em textos literários, ensaios ou debates educacionais — revela um processo de exclusão simbólica que não pode ser interpretado como casual.

Essa invisibilização torna-se ainda mais evidente quando se analisa a composição temática dos textos publicados. Enquanto temas relacionados à arte, à literatura e à formação intelectual eram amplamente discutidos, questões relacionadas à escolarização popular ou à inclusão educacional de grupos marginalizados raramente apareciam no *corpus* analisado.

Os periódicos literários do final do século XIX operaram como instrumentos de legitimação cultural, delimitando os espaços de participação social e intelectual, ao mesmo tempo em que excluía vozes consideradas dissonantes (Marach, 2013).

A análise articulada entre os textos da revista e a historiografia especializada permite compreender que o simbolismo, nesse contexto, não atuava apenas como movimento literário, mas como dispositivo ideológico. Ao exaltar o refinamento cultural e a subjetividade artística, a revista construía um modelo de formação intelectual associado à distinção social, contribuindo para a consolidação de uma educação elitista.

Mais do que isso, ao invisibilizar a presença negra em seus discursos e práticas editoriais, a *Revista Clube Curitibano* contribuía para a naturalização de um projeto educacional excludente. A ausência de menções à escolarização da população negra — mesmo em um período marcado por profundas transformações sociais após a abolição da escravidão — revela que a universalidade do discurso literário não correspondia à universalidade do acesso à educação.

Essa contradição evidencia a função social do simbolismo no contexto paranaense: enquanto proclamava ideais de elevação espiritual e intelectual, restringia o acesso efetivo à formação educacional a grupos específicos. Assim, a literatura simbolista publicada na revista operava como elemento legitimador de um projeto cultural que reforçava desigualdades sociais e educacionais.

3.6 Ausência e silenciamento: a invisibilidade negra na produção simbolista

Ao aprofundar a análise da produção simbolista veiculada pela *Revista Clube Curitibano*, torna-se evidente que a ausência da população negra não constitui mero acaso editorial, mas parte de um processo estruturado de silenciamento social. A invisibilidade negra nos textos literários e ensaísticos da revista deve ser compreendida como prática discursiva que acompanhou a consolidação de um projeto cultural elitizado, no qual a literatura simbolista operou como instrumento de distinção e exclusão.

A análise do corpus revela que os textos simbolistas publicados privilegiavam temas relacionados à interioridade subjetiva, à espiritualidade e à idealização estética, elementos que, embora característicos do movimento simbolista europeu, assumiram no contexto paranaense uma função social específica. Ao privilegiar universos simbólicos abstratos e idealizados, a revista afastava-se das tensões sociais concretas que marcavam o período pós-abolição, contribuindo para a construção de uma narrativa cultural descolada das experiências da população negra.

Essa dinâmica torna-se particularmente significativa quando observada à luz do contexto histórico do final do século XIX e início do século XX, período marcado por profundas transformações sociais decorrentes da abolição da escravidão em 1888. A ausência sistemática de referências à população negra nas páginas da revista, mesmo em um momento de redefinição das estruturas sociais e educacionais, revela que o silêncio não pode ser interpretado como lacuna ocasional, mas como escolha discursiva.

Nesse sentido, o silenciamento operava como mecanismo simbólico de exclusão. Ao não representar sujeitos negros em seus textos literários, crônicas ou ensaios, a revista contribuía para a construção de um imaginário social no qual a cultura legítima se apresentava como branca, letrada e europeizada. Essa ausência reforçava a ideia de que a produção intelectual e artística estava restrita a determinados grupos sociais, legitimando uma hierarquia cultural que excluía a população negra do campo da representação simbólica.

A invisibilidade negra na produção simbolista deve, portanto, ser interpretada como manifestação de um processo mais amplo de exclusão social e educacional. Ao adotar o simbolismo como estética dominante, a *Revista Clube Curitibano* não apenas

difundia modelos literários europeus, como também consolidava um ideal de formação intelectual associado à branquitude e ao refinamento cultural. Nesse contexto, a ausência da população negra não significava neutralidade, mas reafirmação de um projeto social excludente.

Essa perspectiva dialoga com as reflexões de Regiane Hartmann Garcia, ao analisar a imprensa paranaense como espaço de produção e circulação de modelos educativos. Segundo a autora, a imprensa não apenas informava, mas também formava mentalidades, contribuindo para a construção de padrões culturais que delimitavam quem poderia participar da vida intelectual e educativa da sociedade.

A partir dessa perspectiva, torna-se possível compreender que a ausência da população negra nas páginas da revista não apenas refletia desigualdades existentes, mas contribuía para a sua perpetuação. Ao delimitar os sujeitos considerados legítimos para participar do universo literário e intelectual, a revista estabelecia fronteiras simbólicas que restringiam o acesso à cultura e à educação.

Essa delimitação simbólica torna-se ainda mais evidente quando se observa a construção do sujeito literário presente na produção simbolista. Os poemas e textos publicados, frequentemente, evocavam imagens de pureza, espiritualidade e transcendência, associadas a ideais de elevação moral e intelectual. Essas imagens, embora aparentemente universais, estavam vinculadas a um modelo específico de sujeito — culto, refinado e socialmente privilegiado — que excluía implicitamente outros grupos sociais.

Nesse contexto, o silêncio sobre a população negra deve ser interpretado como forma de apagamento simbólico. A ausência de referências à experiência negra nas produções simbolistas não apenas invisibilizava sujeitos históricos concretos, mas também contribuía para a naturalização de sua exclusão dos espaços de formação intelectual.

Essa dinâmica pode ser compreendida à luz das reflexões de Sandra Leal sobre os processos de legitimação cultural no Paraná. Ao discutir a formação das elites intelectuais regionais, a autora destaca que os espaços culturais e literários funcionaram como instâncias de legitimação social, definindo padrões de pertencimento e estabelecendo limites simbólicos para a participação intelectual.

Ao estabelecer esses limites simbólicos, a *Revista Clube Curitibano* contribuiu para a consolidação de um campo cultural excludente, no qual a participação

intelectual era condicionada por critérios sociais e raciais implícitos. A produção simbolista, nesse sentido, funcionava como linguagem codificada de distinção social, reafirmando valores culturais associados à elite.

Mais do que ausência temática, o silenciamento negro operava também no nível simbólico e estrutural. Ao privilegiar referências culturais europeias e ignorar manifestações culturais afro-brasileiras, a revista contribuía para a construção de um imaginário cultural homogêneo, no qual apenas determinadas formas de expressão eram reconhecidas como legítimas.

Essa exclusão simbólica torna-se ainda mais significativa quando se considera que o período analisado corresponde a um momento histórico de redefinição das identidades sociais no Brasil. Após a abolição, a população negra enfrentava desafios significativos relacionados ao acesso à educação e à participação social. No entanto, tais questões permanecem ausentes no discurso literário da revista, evidenciando a distância entre o ideal de universalidade cultural proclamado e a realidade social vivenciada.

Essa contradição revela a função ideológica do simbolismo no contexto analisado. Ao enfatizar valores associados à interioridade, à espiritualidade e à transcendência estética, a produção simbolista contribuía para deslocar o olhar das tensões sociais concretas, promovendo uma forma de evasão simbólica que favorecia a manutenção das estruturas sociais existentes.

Caroline Marach (2013), ao analisar a imprensa paranaense oitocentista, destaca que os periódicos literários desempenharam papel fundamental na construção de identidades sociais e culturais. Segundo a autora, a imprensa literária constituiu-se como espaço privilegiado de construção de representações sociais, contribuindo para a consolidação de identidades e para a exclusão simbólica de determinados grupos.

Essa reflexão permite compreender que o silêncio sobre a população negra não apenas invisibilizava sujeitos históricos, mas também contribuía para a construção de um imaginário social seletivo. Ao definir quais vozes seriam ouvidas e quais permaneceriam ausentes, a revista exercia papel ativo na configuração das hierarquias sociais e educacionais.

Assim, a invisibilidade negra na produção simbolista da *Revista Clube Curitibano* deve ser interpretada como expressão de um projeto cultural que buscava

consolidar a hegemonia intelectual das elites locais. Ao privilegiar determinadas formas de expressão cultural e silenciar outras, a revista contribuía para a manutenção de uma estrutura educacional elitizada, na qual o acesso ao conhecimento permanecia restrito a grupos específicos.

Esse processo evidencia que o simbolismo, no contexto paranaense, não se limitou a constituir um movimento estético, mas atuou como dispositivo ideológico que reforçou desigualdades sociais e educacionais. A ausência da população negra nos textos publicados não apenas refletia as contradições do período, mas contribuía para a perpetuação de um projeto social excludente, no qual a cultura e a educação funcionavam como instrumentos de distinção social.

Ao compreender a invisibilidade negra como elemento estruturante — e não periférico — da produção simbolista, torna-se possível revelar as tensões e contradições que atravessaram o campo cultural paranaense. A análise da *Revista Clube Curitibano*, portanto, evidencia que o silêncio também constitui forma de discurso, e que a ausência pode revelar tanto quanto a presença.

3.7 O Simbolismo como estratégia social: distinção cultural e silenciamento racial

Ao longo desta seção, buscou-se compreender o simbolismo para além de sua dimensão estética, situando-o como fenômeno histórico e social inserido nas transformações culturais que marcaram o final do século XIX e o início do século XX. Nesse percurso, ficou evidente que o simbolismo não se constituiu apenas como expressão literária vinculada à subjetividade e à espiritualidade, mas como linguagem cultural profundamente articulada às dinâmicas de distinção social que caracterizaram a sociedade brasileira no período republicano inicial.

Do ponto de vista histórico mais amplo, a emergência do simbolismo ocorreu em um contexto marcado pela circulação internacional de ideias e pela crescente valorização da cultura letrada como instrumento de legitimação social. Originado na França e difundido por meio das redes intelectuais europeias, o simbolismo consolidou-se como um movimento que privilegiava a interioridade, a sugestão simbólica e a musicalidade da linguagem. Entretanto, sua disseminação não ocorreu de maneira homogênea ou neutra, mas esteve vinculada às condições sociais que possibilitaram sua apropriação por grupos específicos.

No Brasil, a incorporação do simbolismo ocorreu em um cenário profundamente marcado pelas transformações decorrentes da Abolição da Escravidão, em 1888, e pela reorganização institucional promovida pela Proclamação da República, em 1889. Embora esses eventos tenham sido frequentemente associados ao discurso do progresso e da modernização, as estruturas sociais herdadas do período escravista permaneceram atuantes, especialmente no que se refere às desigualdades raciais e educacionais. Nesse contexto, o acesso à cultura escrita e à formação intelectual permaneceu restrito a grupos socialmente privilegiados, evidenciando que a circulação das ideias simbolistas ocorreu em um ambiente social seletivo.

À medida que essas ideias alcançaram diferentes regiões do país, o simbolismo passou a integrar os repertórios culturais das elites urbanas, que identificaram nesse movimento uma oportunidade de afirmar sua inserção em circuitos intelectuais considerados modernos e civilizados. No Paraná, esse processo assumiu características particulares, uma vez que a consolidação das redes culturais esteve diretamente relacionada à formação de espaços de sociabilidade voltados à valorização da cultura letrada. Nesse cenário, clubes sociais, associações culturais e periódicos impressos desempenharam papel decisivo na difusão das tendências simbolistas e na construção de um modelo cultural associado ao refinamento estético e intelectual.

A emergência da *Revista Clube Curitibano* deve ser compreendida, portanto, como parte integrante desse movimento histórico mais amplo. Inserida em um ambiente social que valorizava a cultura como instrumento de distinção, a revista tornou-se espaço privilegiado para a circulação de textos literários, ensaios e crônicas que dialogavam diretamente com as tendências simbolistas em ascensão. Entretanto, a presença do simbolismo nas páginas do periódico não pode ser interpretada apenas como manifestação estética, mas como expressão de um projeto cultural voltado à consolidação de identidades sociais específicas.

A análise desenvolvida ao longo desta seção evidenciou que a incorporação do simbolismo pela *Revista Clube Curitibano* esteve diretamente relacionada à construção de um universo simbólico no qual o domínio da linguagem literária e o acesso às referências culturais europeias funcionavam como indicadores de pertencimento social. Ao valorizar a subjetividade, a espiritualidade e o refinamento estético, os textos simbolistas contribuíram para a formação de um modelo de

intelectualidade que se apresentava como universal, mas que, na prática, permanecia restrito a grupos socialmente privilegiados.

Essa dinâmica revela que o simbolismo, ao ser apropriado pelas elites paranaenses, assumiu uma função social que ultrapassava os limites da literatura, configurando-se como instrumento de legitimação simbólica das hierarquias sociais existentes. A literatura simbolista, nesse sentido, operou como linguagem de distinção cultural, delimitando fronteiras entre aqueles que possuíam acesso à formação intelectual e aqueles que permaneciam excluídos dos espaços de produção cultural.

Ao acompanhar o desenvolvimento histórico das práticas culturais e literárias no Paraná entre o final do século XIX e os primeiros anos do século XX, torna-se possível observar que a consolidação da cultura simbolista não ocorreu de maneira isolada, mas articulada à construção de um projeto de sociedade que buscava se afirmar como moderna e civilizada. Nesse contexto, a valorização da cultura letrada assumiu papel central na definição dos critérios de pertencimento social, reforçando a ideia de que o domínio das letras constituía um atributo essencial das camadas consideradas aptas à condução dos destinos sociais e culturais da região.

Nesse processo, a *Revista Clube Curitibano* destacou-se como um dos principais instrumentos de difusão dessas concepções culturais. Ao longo de sua circulação, entre as décadas finais do século XIX e os primeiros anos do século XX, o periódico consolidou-se como espaço de legitimação simbólica das práticas intelectuais da elite curitibana. A presença recorrente de poemas simbolistas, ensaios literários e textos de caráter reflexivo demonstra que a revista não apenas acompanhava as tendências literárias internacionais, mas as incorporava como parte integrante de um projeto cultural voltado à afirmação de distinções sociais.

Contudo, a análise histórica evidencia que essa valorização da cultura simbolista esteve profundamente vinculada a um processo simultâneo de exclusão social. A constituição de um ideal literário baseado na subjetividade, na musicalidade da linguagem e na espiritualização da experiência humana contribuiu para a formação de um modelo cultural que privilegiava o refinamento estético em detrimento da realidade social concreta. Ao privilegiar a introspecção e a elevação espiritual como marcas de superioridade intelectual, os textos simbolistas publicados na revista construíram um universo discursivo que se apresentava como universal, mas que, na prática, refletia interesses e experiências de um grupo social restrito.

Essa contradição fica ainda mais evidente quando observada à luz das transformações sociais ocorridas após a Abolição da Escravidão, em 1888. Embora a libertação formal da população negra tenha representado um marco histórico significativo, o acesso efetivo aos espaços de formação intelectual e de produção cultural permaneceu limitado. A permanência de barreiras sociais e educacionais dificultou a inserção da população negra nos circuitos culturais que sustentavam a produção literária simbolista, resultando em um cenário marcado pela invisibilidade e pelo silenciamento social.

Nesse sentido, a ausência de autores negros e a inexistência de referências explícitas às experiências da população negra nas páginas da *Revista Clube Curitibano* não podem ser interpretadas como simples coincidência ou lacuna editorial. Ao contrário, essa ausência deve ser compreendida como resultado de um processo histórico estruturado, no qual a cultura escrita foi mobilizada como instrumento de consolidação de hierarquias sociais e raciais. A invisibilidade negra, nesse contexto, constituiu-se como elemento fundamental para a manutenção de uma narrativa cultural que privilegiava determinados grupos em detrimento de outros.

A análise dos conteúdos simbolistas presentes na revista evidencia que o refinamento estético e a busca por elevação espiritual foram frequentemente associados a valores considerados próprios das sociedades europeias. Ao adotar modelos literários europeizados como referência de excelência cultural, a elite curitibana reforçou a ideia de que o progresso intelectual estava diretamente vinculado à assimilação de padrões estrangeiros. Essa associação contribuiu para a construção de uma identidade cultural que se distanciava das experiências sociais locais, particularmente daquelas vivenciadas pela população negra.

Ao longo do período analisado, essa dinâmica contribuiu para a consolidação de um modelo educacional que privilegiava a formação erudita como instrumento de distinção social. A circulação de textos simbolistas na revista não apenas reforçava a valorização do conhecimento literário, mas também legitimava a ideia de que a educação deveria permanecer vinculada a padrões elitizados de formação intelectual. Dessa forma, a literatura simbolista passou a operar como mediação entre cultura e educação, contribuindo para a manutenção de um modelo educacional excludente.

A invisibilidade da população negra nesse processo revela uma dimensão fundamental da função social da literatura simbolista no contexto paranaense. Ao

silenciar experiências sociais marcadas pela desigualdade e pela exclusão, a produção literária publicada na revista contribuiu para a construção de um imaginário cultural que naturalizava as hierarquias raciais e sociais existentes. Esse silenciamento não se manifestava apenas pela ausência de vozes negras, mas também pela ausência de problematizações sobre as condições sociais enfrentadas por essa população.

Assim, o simbolismo, ao ser incorporado como linguagem estética dominante nas páginas da revista, assumiu papel estratégico na definição dos limites de pertencimento cultural. A valorização da subjetividade e da espiritualidade, características centrais do movimento simbolista, foi mobilizada como instrumento de distinção social, permitindo que a elite curitibana se posicionasse como representante legítima da cultura e do progresso intelectual.

Ao retomar o percurso histórico que se estende das origens europeias do simbolismo até sua incorporação nos espaços culturais do Paraná, torna-se possível compreender que esse movimento literário não se difundiu apenas como manifestação estética, mas como elemento constitutivo de um projeto cultural articulado às dinâmicas sociais de distinção e exclusão. Desde sua emergência no cenário francês, o simbolismo foi associado à valorização da subjetividade e à busca por refinamento formal, características que, ao serem transpostas para outros contextos, passaram a funcionar como indicadores de pertencimento a universos culturais considerados superiores.

No Brasil, esse processo assumiu contornos específicos ao se desenvolver em um período historicamente marcado pelas tensões decorrentes da Abolição da Escravidão e da reorganização política promovida pela República. Embora os discursos oficiais tenham enfatizado a modernização e o progresso como princípios orientadores da nova ordem social, a permanência de desigualdades estruturais demonstrou que os ideais republicanos não se traduziram em transformações efetivas no acesso à educação e à cultura. Nesse cenário, a literatura simbolista encontrou terreno fértil entre os grupos que buscavam afirmar sua posição social por meio da apropriação de modelos culturais europeizados.

Ao se deslocar para o contexto paranaense, esse movimento adquiriu novos significados, especialmente ao ser incorporado por instituições e espaços de sociabilidade vinculados às elites urbanas. O simbolismo passou a operar como

linguagem cultural que legitimava a construção de identidades sociais baseadas no domínio da cultura escrita e na valorização do conhecimento literário. Nesse sentido, a adoção de formas simbolistas não apenas indicava afinidade estética com correntes internacionais, mas expressava o desejo de inserção em circuitos culturais considerados legítimos e civilizados.

É nesse contexto que a *Revista Clube Curitibano* assume papel central na consolidação desse projeto cultural. Ao reunir textos literários, ensaios e produções de caráter reflexivo, o periódico contribuiu para a formação de um ambiente intelectual no qual a literatura simbolista foi mobilizada como instrumento de afirmação social. A circulação desses textos não apenas difundia modelos estéticos, mas também contribuía para a construção de um imaginário coletivo no qual a erudição e o refinamento cultural eram apresentados como atributos naturais das camadas dominantes.

Entretanto, ao observar de forma mais atenta os conteúdos publicados ao longo do período analisado, fica evidente que esse processo de valorização cultural esteve acompanhado por práticas sistemáticas de exclusão simbólica. A ausência recorrente de referências à população negra, bem como a inexistência de representações que contemplassem suas experiências sociais, evidencia que o projeto cultural simbolista difundido pela revista operava por meio de mecanismos de silenciamento. Esse silenciamento não se limitava à ausência de autores negros, mas manifestava-se também na construção de um universo simbólico que desconsiderava as desigualdades raciais como elemento constitutivo da sociedade brasileira.

Ao longo das décadas finais do século XIX e dos primeiros anos do século XX, a consolidação desse modelo cultural contribuiu para a naturalização de hierarquias sociais que haviam se estruturado ao longo do período escravista. A cultura letrada, ao ser apresentada como expressão de superioridade intelectual, passou a funcionar como marcador simbólico de distinção racial e social. Nesse sentido, a literatura simbolista publicada na *Revista Clube Curitibano* desempenhou papel significativo na manutenção de fronteiras sociais que limitavam o acesso da população negra aos espaços de produção cultural e educacional.

Essa constatação permite compreender que o simbolismo, ao ser apropriado pelas elites locais, assumiu uma função ideológica que ultrapassava os limites do campo literário. Ao valorizar a espiritualidade e a subjetividade como elementos

centrais da experiência estética, os textos simbolistas contribuíram para a construção de um discurso cultural que privilegiava a introspecção em detrimento da análise das condições sociais concretas. Tal deslocamento discursivo favoreceu a invisibilização das tensões sociais e raciais presentes no cotidiano da sociedade paranaense, contribuindo para a consolidação de uma narrativa cultural que enfatizava a harmonia e o refinamento, enquanto silenciava conflitos estruturais.

Do ponto de vista educacional, os efeitos desse processo tornam-se ainda mais evidentes. Ao difundir modelos culturais baseados na erudição e na valorização de referências europeias, a revista contribuiu para a legitimação de um ideal educacional voltado à formação intelectual de grupos específicos. A educação, nesse contexto, foi concebida como privilégio e não como direito universal, reforçando a exclusão de amplos segmentos sociais, especialmente da população negra, dos espaços formais de ensino e produção cultural.

Assim, a contradição entre o discurso universalista da literatura e a realidade social excludente que caracterizava o período revela a dimensão política da produção simbolista analisada. Enquanto os textos literários evocavam a universalidade da experiência humana, as condições concretas de acesso à cultura permaneciam restritas a grupos socialmente privilegiados. Essa discrepância evidencia que a literatura simbolista, longe de representar apenas expressão artística, funcionou como instrumento de legitimação simbólica das desigualdades sociais e raciais.

Ao considerar o conjunto das análises desenvolvidas ao longo desta seção, é possível afirmar que a incorporação do simbolismo pela *Revista Clube Curitibano* se constituiu como estratégia cultural orientada à consolidação de um projeto social específico. Esse projeto baseava-se na valorização da cultura letrada como elemento de distinção, ao mesmo tempo em que silenciava experiências sociais que não se adequavam aos padrões estabelecidos pelas elites intelectuais.

Desse modo, a invisibilidade da população negra na produção simbolista analisada não deve ser compreendida como ausência casual, mas como expressão de um processo histórico de exclusão que se estruturou por meio da seleção de vozes consideradas legítimas para representar a cultura e a educação. A literatura simbolista, ao ser mobilizada como linguagem de prestígio social, contribuiu para a construção de um campo cultural restrito, no qual a participação social era

condicionada ao domínio de códigos culturais específicos e à inserção em redes sociais privilegiadas.

Em síntese, a análise desenvolvida nesta seção permite compreender que o simbolismo, ao ser incorporado ao contexto paranaense por meio da *Revista Clube Curitibano*, desempenhou papel fundamental na articulação entre cultura, educação e exclusão racial. Ao valorizar modelos culturais europeizados e privilegiar formas literárias associadas ao refinamento intelectual, o periódico contribuiu para a consolidação de um projeto cultural que reforçava hierarquias sociais e invisibilizava a participação da população negra nos espaços de produção cultural.

Dessa forma, ao concluir esta seção, reafirma-se a hipótese central desta tese: a literatura simbolista, ao ser apropriada por instituições culturais vinculadas às elites, não atuou apenas como manifestação estética, mas como instrumento de mediação social e ideológica. Sua circulação nas páginas da *Revista Clube Curitibano* contribuiu para a construção de um modelo educacional elitista e para a manutenção de práticas simbólicas que naturalizavam a exclusão racial.

Ao final desse percurso, evidencia-se que compreender o simbolismo no contexto paranaense exige reconhecê-lo como parte integrante de um processo histórico mais amplo, no qual literatura, educação e relações raciais se entrelaçam de forma complexa. Ao revelar as contradições presentes nesse processo, esta análise contribui para ampliar a compreensão sobre o papel da cultura escrita na formação das desigualdades sociais e raciais, evidenciando que os silêncios presentes nas páginas da revista são, em si, testemunhos históricos das vozes que foram sistematicamente excluídas dos espaços de representação cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta tese, buscou-se compreender o papel desempenhado pela imprensa literária no processo de constituição de práticas culturais e educacionais no Paraná, tomando como objeto central a *Revista Clube Curitibano* (1890–1912). O percurso investigativo foi estruturado de modo a avançar do geral para o específico, permitindo compreender como fenômenos históricos amplos — como o surgimento da imprensa no Brasil, a difusão do simbolismo e as transformações sociais do período republicano — se materializaram em práticas culturais locais que contribuíram para a consolidação de um projeto educacional elitizado e racialmente excludente.

A análise desenvolvida ao longo das três seções evidenciou que a imprensa não pode ser compreendida apenas como instrumento de registro histórico ou veículo de divulgação cultural. Ao contrário, ela deve ser interpretada como espaço de produção simbólica e ideológica, no qual se articulam interesses sociais, valores culturais e projetos políticos. Nesse sentido, a imprensa literária paranaense, especialmente a *Revista Clube Curitibano*, revelou-se como elemento estratégico na construção de um imaginário social que associava cultura, educação e pertencimento a determinados grupos sociais.

A **primeira seção** constituiu o ponto de partida desta reflexão ao apresentar o surgimento da imprensa no Brasil e sua posterior consolidação no Paraná. Ao analisar esse processo em perspectiva histórica, foi possível compreender que a imprensa brasileira emergiu em um contexto marcado por profundas desigualdades sociais e raciais, herdadas do período escravista. Desde seus primeiros momentos, os periódicos estiveram vinculados às elites políticas e intelectuais, o que contribuiu para a construção de uma esfera pública seletiva e restrita.

Essa característica seletiva da imprensa não se limitou ao campo político, mas estendeu-se também ao campo cultural e educacional. Como evidenciado ao longo do estudo, a ausência de narrativas relacionadas à população negra não pode ser interpretada como mero acaso, mas como expressão de uma estrutura social que historicamente limitou o acesso desse grupo aos espaços de produção cultural. Nesse sentido, a imprensa contribuiu para consolidar visões de mundo que naturalizavam desigualdades e reforçavam hierarquias sociais, demonstrando que a exclusão

simbólica constitui parte fundamental do processo de formação da sociedade brasileira.

Ao avançar para a **segunda seção**, o foco da investigação concentrou-se na trajetória histórica da *Revista Clube Curitibano*, compreendida como espaço privilegiado de sociabilidade da elite curitibana entre o final do século XIX e o início do século XX. A análise cronológica das edições permitiu identificar três momentos fundamentais de sua existência: a fase inicial de consolidação institucional, o período de reorganização e estabilidade relativa e, por fim, a etapa de reconfiguração que culminou no encerramento de suas atividades.

Essa periodização evidenciou que a revista não se limitou a registrar acontecimentos sociais ou literários, mas atuou como instrumento de legitimação simbólica da elite urbana. Suas páginas reuniam textos literários, crônicas sociais, ensaios e anúncios que expressavam um modelo específico de vida social, caracterizado pelo refinamento cultural e pela valorização de práticas associadas à distinção social. Como demonstrado ao longo da análise, os periódicos literários devem ser compreendidos como instituições culturais capazes de difundir visões de mundo que se apresentam como universais, ainda que expressem interesses particulares.

Ao examinar os conteúdos publicados, foi possível perceber que a educação ocupava lugar central na elaboração desse projeto simbólico. Entretanto, a educação ali representada não correspondia a um ideal universal ou democrático. Pelo contrário, tratava-se de um modelo educacional vinculado à formação cultural da elite, baseado na valorização de repertórios literários eruditos e na reprodução de padrões culturais europeizados. Essa construção simbólica contribuiu para consolidar a ideia de que a educação constituía privilégio de poucos, reforçando fronteiras sociais e culturais que limitavam o acesso ao conhecimento.

Nesse contexto, verificou-se como particularmente significativa a ausência sistemática de debates sobre a escolarização da população negra. Embora o período histórico analisado tenha sido marcado por transformações profundas decorrentes da abolição da escravidão, tais questões aparecem de forma limitada ou silenciosa nas páginas da revista. Esse silêncio não deve ser interpretado como omissão casual, mas como parte integrante de um processo simbólico de exclusão que contribuiu para a naturalização das desigualdades educacionais e raciais.

A **terceira seção**, por sua vez, aprofundou a análise ao examinar o simbolismo não apenas como movimento estético, mas como estratégia social de distinção cultural. Ao adotar referências literárias europeias e difundir textos alinhados às correntes simbolistas, a *Revista Clube Curitibano* consolidou um repertório cultural que reforçava a identidade intelectual da elite curitibana. Nesse sentido, o simbolismo foi mobilizado como linguagem de prestígio social, capaz de estabelecer critérios de pertencimento e exclusão.

Essa apropriação do simbolismo revelou-se particularmente significativa quando analisada em articulação com o campo educacional. Ao difundir um ideal de formação intelectual erudita, associado ao domínio de códigos culturais específicos, a revista contribuiu para a construção de um modelo educacional seletivo. Esse modelo, ao privilegiar determinadas práticas culturais, reforçou a ideia de que o acesso ao conhecimento dependia da inserção em redes sociais privilegiadas, excluindo grande parte da população, especialmente os negros.

A contradição entre a universalidade do discurso literário e a particularidade dos sujeitos beneficiados por ele tornou-se um dos elementos centrais da análise. Ao apresentar a literatura como expressão universal da sensibilidade humana, os textos simbolistas ocultavam as desigualdades estruturais que limitavam o acesso à educação e à cultura escrita. Esse processo evidencia que a invisibilidade da população negra não constitui simples ausência documental, mas resultado de escolhas discursivas que contribuíram para a construção de uma memória cultural seletiva.

Ao considerar o percurso histórico analisado nesta tese, mostra-se evidente que a constituição da imprensa literária paranaense não ocorreu de forma isolada, mas esteve profundamente vinculada às transformações sociais e políticas que marcaram o Brasil no período pós-abolição e nas primeiras décadas da República. Esse momento histórico foi caracterizado por discursos que anunciavam progresso, modernização e civilização, ao mesmo tempo em que mantinham estruturas sociais profundamente desiguais. A análise desenvolvida ao longo dos capítulos demonstrou que tais contradições não apenas atravessaram o campo educacional, mas também foram reproduzidas no campo cultural, especialmente por meio da imprensa literária.

Nesse sentido, a *Revista Clube Curitibano* deve ser compreendida como produto de seu tempo, mas também como agente ativo na construção de um projeto

cultural que favorecia determinados grupos sociais em detrimento de outros. Ao longo das décadas finais do século XIX e início do século XX, o Brasil vivenciava os impactos da recente abolição da escravidão, enquanto buscava redefinir sua identidade nacional sob os princípios republicanos. Entretanto, essa redefinição não implicou necessariamente a inclusão efetiva da população negra nos espaços educacionais e culturais. Ao contrário, muitos desses espaços continuaram sendo organizados a partir de critérios de distinção social e racial, que limitavam o acesso ao conhecimento e à participação pública.

A análise das páginas da revista evidenciou que a valorização do refinamento cultural e da erudição literária esteve diretamente associada à construção de um ideal de formação intelectual baseado em referências europeias. Esse modelo de cultura, amplamente difundido pelos textos simbolistas, reforçava a ideia de superioridade cultural vinculada à elite urbana, ao mesmo tempo em que silenciava outras experiências sociais. Tal processo contribuiu para a naturalização de hierarquias culturais que, embora apresentadas como universais, eram profundamente seletivas.

Ao retomar o debate historiográfico que fundamentou esta pesquisa, é possível destacar que estudos anteriores sobre a imprensa paranaense frequentemente enfatizaram sua importância como espaço de circulação de ideias e formação intelectual. No entanto, grande parte dessas análises privilegiou a dimensão cultural e literária dos periódicos, sem aprofundar a discussão sobre as relações entre imprensa, educação e exclusão racial. Esta tese buscou contribuir para o avanço desse campo de investigação ao deslocar o olhar analítico para as contradições presentes nos discursos impressos, especialmente aquelas relacionadas à invisibilidade da população negra.

Essa perspectiva analítica permitiu compreender que o silêncio documental não representa ausência de história, mas resultado de escolhas discursivas e práticas sociais que definiram quais vozes seriam legitimadas e quais seriam marginalizadas. Ao examinar a ausência sistemática de referências à população negra nas páginas da revista, foi possível identificar um processo de silenciamento social que ultrapassa o campo cultural e se projeta sobre o campo educacional. Esse silenciamento revela-se particularmente significativo quando analisado à luz das transformações ocorridas após a abolição da escravidão, período em que a ampliação do acesso à educação

poderia ter desempenhado papel central na inclusão social, mas foi, em grande medida, restringida por políticas e práticas seletivas.

Essa constatação evidencia uma das principais contradições históricas identificadas ao longo da pesquisa: enquanto o discurso literário difundido pela revista apresentava-se como expressão universal da cultura e da sensibilidade humana, sua prática concreta contribuía para a manutenção de fronteiras sociais e raciais. Essa dualidade entre universalidade discursiva e exclusão prática constitui elemento fundamental para compreender o papel desempenhado pela imprensa na formação de uma memória cultural seletiva.

Outro aspecto que merece destaque se refere à articulação entre literatura e educação como instrumentos de legitimação social. Ao difundir textos literários alinhados ao simbolismo e valorizar repertórios culturais específicos, a revista contribuiu para a consolidação de um modelo educacional que privilegiava determinados saberes em detrimento de outros. Esse modelo não apenas reforçava a distinção social, mas também delimitava quais sujeitos poderiam ser reconhecidos como participantes legítimos do campo intelectual.

Nesse ponto, a análise desenvolvida ao longo desta tese dialoga diretamente com debates contemporâneos sobre o papel da educação na reprodução das desigualdades sociais. Embora o contexto histórico analisado pertença ao final do século XIX e início do século XX, suas implicações permanecem atuais, uma vez que as desigualdades educacionais observadas no presente possuem raízes profundas em processos históricos que limitaram o acesso ao conhecimento para determinados grupos sociais. Ao evidenciar essas raízes históricas, esta pesquisa contribui para ampliar a compreensão sobre os mecanismos de exclusão que ainda hoje impactam a educação brasileira.

A originalidade desta tese reside, portanto, na articulação entre três dimensões analíticas fundamentais: imprensa, educação e exclusão racial. Ao integrar essas dimensões em uma abordagem histórica e crítica, foi possível revelar aspectos ainda pouco explorados pela historiografia sobre a imprensa paranaense. Diferentemente de estudos que se concentram exclusivamente na produção literária ou na trajetória institucional dos periódicos, esta pesquisa buscou compreender a revista como espaço de disputa simbólica, no qual se definem critérios de pertencimento cultural e social.

Essa abordagem permitiu identificar que a invisibilidade da população negra não se restringe à ausência de personagens ou narrativas específicas, mas se manifesta também na construção de modelos culturais que excluem determinadas experiências sociais. Ao privilegiar padrões europeizados de cultura e educação, a revista contribuiu para consolidar um imaginário social que associava conhecimento e civilização a determinados grupos sociais, ao mesmo tempo em que marginalizava outros.

Ao considerar o percurso analítico desenvolvido, fica evidente que a *Revista Clube Curitibano* desempenhou papel significativo na construção de uma cultura letrada que, embora apresentada como símbolo de progresso e modernidade, contribuiu para a manutenção de desigualdades estruturais. Essa constatação reforça a importância de analisar os periódicos não apenas como fontes históricas, mas como agentes ativos na produção de discursos que influenciam práticas sociais e educacionais.

Nesse sentido, esta tese reafirma que a exclusão racial observada nas páginas da revista não deve ser interpretada como fenômeno isolado ou circunstancial. Ao contrário, trata-se da expressão de um projeto social mais amplo, que articulava cultura, educação e poder simbólico na construção de uma sociedade hierarquizada. Essa compreensão permite reconhecer que o silenciamento social não ocorre apenas por meio da negação explícita, mas também por meio da invisibilização sistemática de determinados sujeitos e experiências.

Ao retomar o percurso analítico desenvolvido ao longo desta tese, é possível afirmar que os resultados obtidos confirmam a hipótese central que orientou esta investigação: a *Revista Clube Curitibano*, ao atuar como espaço de produção simbólica e cultural entre os anos de 1890 e 1912, contribuiu significativamente para a consolidação de um modelo educacional e cultural elitizado, fundamentado em valores europeizados e sustentado por práticas de exclusão social que resultaram no silenciamento sistemático da população negra.

Essa confirmação não se estabelece apenas pela identificação da ausência de referências diretas à população negra nas páginas da revista, mas sobretudo pela compreensão de que tal ausência constitui evidência histórica relevante. Ao longo da análise documental, ficou evidente que o silenciamento social não se manifesta apenas por meio da negação explícita da presença negra, mas também pela

construção de narrativas que privilegiam determinados sujeitos e experiências, relegando outros à invisibilidade. Assim, a invisibilidade negra observada na produção simbolista não pode ser interpretada como lacuna documental, mas como resultado de um processo histórico estruturado por relações de poder que definiram quais vozes seriam registradas e quais seriam silenciadas.

Essa constatação revela que o campo cultural, frequentemente associado à produção artística e literária, desempenha papel fundamental na manutenção das desigualdades sociais. Ao longo das páginas da revista, a valorização da erudição, do refinamento cultural e da estética simbolista contribuiu para consolidar um modelo de formação intelectual que associava cultura e pertencimento social a determinados grupos privilegiados. Tal modelo, embora apresentado como universal, revelava-se profundamente seletivo em sua prática concreta, evidenciando a contradição entre o discurso de universalidade cultural e a exclusão de grande parte da população.

Ao considerar essa contradição em perspectiva histórica, torna-se possível compreender que o simbolismo, mais do que um movimento estético, atuou como instrumento ideológico capaz de legitimar formas específicas de organização social. Ao difundir padrões culturais alinhados às referências europeias, a revista contribuiu para reforçar a ideia de superioridade cultural associada à elite letrada, ao mesmo tempo em que invisibilizava outras formas de expressão cultural presentes na sociedade paranaense. Nesse sentido, a literatura simbolista difundida pela revista não apenas refletiu valores culturais existentes, mas também contribuiu para consolidá-los como modelo legítimo de cultura e educação.

Essa compreensão permite reconhecer que a imprensa literária desempenhou papel estratégico na construção de um projeto social que articulava cultura e educação como instrumentos de distinção social. Ao longo das seções e capítulos, revelou-se evidente que a revista atuou como espaço de legitimação simbólica da elite curitibana, contribuindo para a formação de um imaginário coletivo que associava progresso e civilização à adoção de padrões culturais específicos. Entretanto, esse processo ocorreu de forma seletiva, excluindo da esfera pública sujeitos que não se enquadravam nesses padrões, especialmente a população negra, que, apesar de compor uma parcela significativa da sociedade brasileira, permaneceu ausente das narrativas culturais legitimadas.

Essa ausência, quando analisada em articulação com o contexto histórico do pós-abolição, revela a persistência de práticas sociais que limitaram o acesso da população negra à educação formal e aos espaços de produção cultural. A abolição da escravidão, embora tenha representado marco fundamental na história brasileira, não garantiu a inclusão social efetiva dos sujeitos libertos. Ao contrário, a ausência de políticas públicas voltadas à escolarização e à inclusão social contribuiu para perpetuar desigualdades que se manifestaram de forma silenciosa, mas persistente, ao longo das décadas seguintes.

Nesse contexto, a análise da *Revista Clube Curitibano* permitiu compreender como tais desigualdades foram reproduzidas no campo cultural. Ao privilegiar discursos que exaltavam a erudição e o refinamento cultural, a revista contribuiu para consolidar um modelo educacional que restringia o acesso ao conhecimento, reforçando barreiras sociais e raciais. Essa constatação evidencia que a exclusão educacional não pode ser compreendida apenas como resultado de limitações materiais, mas também como consequência de práticas simbólicas que definem quem pode participar dos espaços de produção cultural.

Ao estabelecer a articulação entre as três seções desta tese, fica evidente que cada etapa da investigação contribuiu para a construção de uma compreensão mais ampla sobre o papel da imprensa na formação das desigualdades sociais. A primeira seção evidenciou como a imprensa brasileira se constituiu em um contexto marcado por profundas desigualdades sociais e raciais, revelando que a exclusão simbólica constitui elemento estruturante da formação da esfera pública. A segunda seção aprofundou essa reflexão ao examinar a trajetória histórica da *Revista Clube Curitibano*, demonstrando como o periódico se consolidou como espaço de sociabilidade e legitimação cultural da elite curitibana. Por fim, a terceira seção evidenciou como o simbolismo foi mobilizado como instrumento de distinção cultural e legitimação educacional, contribuindo para a invisibilidade da população negra nas narrativas culturais.

Essa articulação entre as seções permite afirmar que a tese aqui defendida foi plenamente confirmada: a *Revista Clube Curitibano* atuou como instrumento para a manutenção de uma educação elitizada, utilizando o simbolismo como estratégia de disseminação cultural e legitimação social. Ao ocultar a presença negra de seus discursos e debates, o periódico não apenas refletiu as contradições de seu tempo,

mas contribuiu ativamente para a perpetuação de um projeto social e educacional excludente no Paraná.

Além de confirmar a tese central, esta investigação apresenta contribuições relevantes para o campo da história da educação e da história da imprensa no Brasil. Ao integrar a análise documental com uma perspectiva crítica sobre as relações entre cultura, educação e poder, esta pesquisa amplia o escopo interpretativo dos estudos sobre periódicos literários, evidenciando que tais fontes não devem ser compreendidas apenas como registros culturais, mas como instrumentos ativos na produção de desigualdades sociais.

Outro aspecto relevante refere-se à contribuição desta tese para a valorização da análise histórica como instrumento de reflexão sobre o presente. Ao evidenciar os mecanismos históricos que contribuíram para a exclusão educacional da população negra, esta pesquisa oferece subsídios importantes para a compreensão das desigualdades educacionais contemporâneas. Embora o contexto histórico analisado pertença ao passado, suas implicações permanecem presentes na realidade educacional brasileira, marcada por desafios relacionados ao acesso e à permanência de estudantes em diferentes níveis de ensino.

Nesse sentido, esta tese reafirma a importância de revisitar criticamente as fontes históricas, buscando compreender não apenas o que foi registrado, mas também o que foi silenciado. A análise do silêncio documental constitui, portanto, ferramenta fundamental para a construção de uma historiografia comprometida com a visibilização de sujeitos historicamente marginalizados. Ao identificar a ausência da população negra nas páginas da revista, foi possível compreender que a invisibilidade constitui forma de violência simbólica que contribui para a perpetuação das desigualdades sociais.

Ao considerar as possibilidades futuras de investigação, evidencia-se que o campo de estudos sobre a imprensa literária paranaense ainda apresenta vasto potencial de pesquisa. Investigações que ampliem o corpus documental, incluindo outros periódicos contemporâneos, podem contribuir para aprofundar a compreensão sobre as dinâmicas culturais e educacionais que marcaram o período analisado. Da mesma forma, estudos que explorem a presença negra em outros espaços culturais, como associações, escolas e movimentos sociais, podem contribuir para ampliar o

entendimento sobre as estratégias de resistência e afirmação cultural desenvolvidas pela população negra.

Por fim, ao encerrar esta investigação, é necessário reconhecer que o estudo da história não se limita à reconstrução de eventos passados, mas constitui exercício de reflexão sobre as estruturas sociais que moldam o presente. Ao analisar a *Revista Clube Curitibano* sob a perspectiva da exclusão racial e educacional, esta tese buscou contribuir para a construção de uma narrativa histórica mais inclusiva, capaz de reconhecer as vozes silenciadas e evidenciar as contradições que marcaram a formação da sociedade paranaense.

Assim, o percurso desenvolvido ao longo desta tese reafirma que a compreensão da história da imprensa e da educação exige olhar atento não apenas para as narrativas produzidas, mas também para os silêncios que as atravessam. É nesses silêncios que se revelam as tensões e contradições que estruturam a vida social, permitindo compreender que a ausência de determinados sujeitos nas páginas da história não significa inexistência, mas resultado de processos históricos que limitaram sua visibilidade.

Encerrar esta tese significa, portanto, é reafirmar o compromisso com uma historiografia que reconheça a complexidade das relações sociais e que se proponha a revelar os mecanismos que sustentam as desigualdades. Ao iluminar os silêncios presentes na produção simbolista da *Revista Clube Curitibano*, esta pesquisa não apenas confirma sua tese central, mas também convida à continuidade do debate sobre os desafios históricos e contemporâneos relacionados à educação, cultura e justiça social.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CORREIO BRAZILIENSE. Londres, n. 1, jun. 1808.

GARCIA, Regiane Hartmann. **Imprensa e educação**: um estudo histórico na sociedade paranaense através da Revista Clube Curitibano no final do século XIX início do século XX (1890 – 1912). Ponta Grossa, Dissertação (Educação – Área de concentração: Educação) Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2022. 86 f.

GAZETA DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, n. 1, 10 set. 1808.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

ILLOUZ, Eva. **A cultura do simbolismo e a modernidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.

LEAL, S. do R. F. **Projeto Liberal Paranaense de Civilização nas Páginas da Revista Clube Curitibano (1890 – 1898)**. Ponta Grossa: Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2020.

LEAL, S. do R. F.; NASCIMENTO, M. I. M. Imprensa, Primeira República e projeto civilizatório em pesquisas sobre a história da Educação. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 832–846, 2019. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.14n3.002. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/12742>. Acesso em: 25 out. 2023.

LUKÁCS, György. **História e consciência de classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LUKÁCS, György. **Estética**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na independência (1821–1823)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARACH, Caroline Baron. **Discursos e linguagens na Revista do Clube Curitibano (1890 - 1912)**. Curitiba: Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná 2013. 167 f.

MARTINS, R. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1997. 176

MARX, K. **A liberdade de imprensa**. Tradução brasileira de Cláudia Schilling e José Fonseca. Porto Alegre: L&PM, 2006.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, I. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 2004.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura; ZANLORENZ, I. Cláudia Maria Petchak; TORRES, Carla Michele Ramos. **Imprensa e Educação**: reflexões [livro eletrônico]. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2023. 173 p., il. E-book PDF Interativo.

PASTRE, Marcelo. O Clube Curitibano: representações do “plus” de educação. **X Simpósio Internacional: Processo Civilizador**. Campinas, SP. 2007. Disponível em: https://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais10/Artigos_PDF/Marcelo_Pastre.pdf. Acesso em: 15 nov. 2023

REVISTA CLUBE CURITIBANO. Curitiba, 1890–1912. Coleção consultada em acervo histórico.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: Primeiras aproximações polêmicas no nosso tempo. 7 ed. São Paulo. Autores Associados, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. 4ª ed., Rio de Janeiro, Mauad, 1999.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870–1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

APÊNDICE A – ESTADO DO CONHECIMENTO

Quadro síntese do estado do conhecimento sobre as pesquisas de teses e dissertações que utilizam imprensa, imprensa negra como fonte primária e ou objeto de análise

Autoria	Título	Instituição	Região do Brasil	Ano de publicação	Tese ou dissertação
Luís Landes da Silva Pereira	A imprensa como elo entre o Estado, a sociedade e a educação no estado de Mato Grosso do Sul	Fundação Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul	Centro-Oeste	1991	Dissertação
Belarmino Cesar Guimarães da Costa	O "Estado" da educação na "Folha" de jornal - como os jornais de grande circulação abordam a questão educacional	Universidade Federal de São Carlos	Sudeste	1993	Dissertação
Suzana De Oliveira Diniz	Relações de saber e de poder no espaço pedagógico da imprensa sindical	Universidade Federal de Minas Gerais	Sudeste	1996	Dissertação
Carlos Henrique De Carvalho	Imprensa e educação: o pensamento educacional do professor Honório Guimarães (Uberabinha-MG, 1905-1922)	Universidade Federal de Uberlândia	Sudeste	1999	Dissertação
Mario Luiz de Souza	Imprensa e hegemonia: como a Folha de São Paulo trabalhou a reforma educacional do primeiro governo Fernando Henrique Cardoso	Universidade Federal Fluminense	Sudeste	2002	Dissertação
Manoel Pereira da Rocha Neto	Jornal das moças (1926-1932): educadoras em manchete	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Sul	2002	Dissertação
Vicente Batista de Moura Sobrinho	Massificação do ensino em Uberlândia-MG: a fala da imprensa (1940-1960)	Universidade Federal de Uberlândia	Sudeste	2002	Dissertação
Marcelisa Monteiro	A importância da educação: manchete da imprensa gaúcha do século passado	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Sul	2003	Dissertação
Aldaíres Souto França	Uma educação imperfeita para uma liberdade imperfeita: escravidão e educação no Espírito Santo (1869-1889)	Universidade Federal do Espírito Santo	Sudeste	2006	Dissertação
Caroline Baron Marach	Inquietações modernas: discurso educacional e civilizacional no periódico A Escola (1906– 1910)	Universidade Federal do Paraná	Sul	2007	Dissertação
Roberto dos Santos	Pedagogias da negritude e identidades negras em Porto Alegre: jeitos de ser negro no Tição e no Folhetim do Zaire (1978/1988)	Universidade Luterana do Brasil	Sul	2007	Dissertação

Pedro de Souza Santos	Cidadania e educação dos negros através da imprensa negra em São Paulo (1915-1937)	Universidade São Francisco	Sudeste	2007	Dissertação
Sônia Regina Pacheco Goldoni	Representações racializadas do "outro" afro-brasileiro: o que as tiras cômicas ensinam	Universidade Luterana do Brasil	Sul	2007	Dissertação
Kellen Nogueira Vilhena	Entre "sãos expansões do espírito" e "sarrilhos dos diabos": lazer, divertimento e vadiagem nas representações da imprensa em Belo Horizonte (1895-1922)	Universidade Federal de Minas Gerais	Sudeste	2008	Dissertação
Geane Corrêa dos Santos	Imprensa e educação : a difusão das práticas escolares no jornal Gazeta Socialista (1948-1958)	Universidade Federal de Sergipe	Nordeste	2009	Dissertação
Ariovaldo Lima Junior	Jornal Ìrohìn: estudo de caso sobre a relevância educativa do papel da imprensa negra no combate ao racismo (1996-2006)	Universidade de São Paulo	Sudeste	2009	Dissertação
Edilene Cunha Martinez	A imprensa pedagógica como tema e objetivo para a história da educação paranaense: Jornal Escola Aberta (1986-1988)	Universidade Estadual de Maringá	Sul	2009	Dissertação
Eliezer Felix de Souza	Intelectuais, modernidade e discurso educativo no jornal Diário dos Campos (1907-1928)	Universidade Estadual de Ponta Grossa	Sul	2010	Dissertação
Fernanda Mattos Carpinteiro Dos Santos	Imprensa: um caminho para a educação anarquista	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	Sudeste	2010	Dissertação
Andréa Silva De Fraga	Imprensa Estudantil e Práticas de Escrita e de Leitura: O Caso da Revista "O Estudo" (Porto Alegre/RS, 1922-1931)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Sul	2012	Dissertação
Caroline Baron Marach	Discursos e Linguagem na Revista Clube Curitibano (1890 – 1912)	Universidade Federal do Paraná	Sul	2013	Tese
Rosângela Ferreira de Souza	Pelas páginas dos jornais: recortes indetitários e escolarização do social do negro em São Paulo (1920-1940)	Universidade de São Paulo	Sudeste	2013	Tese
Claudia Maria Petchak Zanlorenzi	A expressão do liberalismo na revista A Escola (1906 – 1910) no Paraná.	Universidade Estadual de Ponta Grossa	Sul	2014	Tese
Giselle Baptista Teixeira	A imprensa pedagógica no Rio de Janeiro: os jornais e as revistas como agentes construtores da escola (1870 - 1919)	Universidade Federal Fluminense	Sudeste	2016	Tese

Rosiane Machado da Silva	Os jornais paranaenses e a (in)visibilidade do negro e da sua educação (1853-1889)	Universidade Estadual de Ponta Grossa	Sul	2017	Tese
Iriana Nunes Vezzani	Jornal Quinze de Novembro: Forças Educativas entre espaços de experiências e horizontes de expectativas (Curitiba, 1889-1890)	Universidade Federal do Paraná	Sul	2018	Tese
Carla Michele Ramos Torres	O pensamento progressista na revista Movimento da União Nacional dos Estudantes (1962-1963)	Universidade Estadual de Ponta Grossa	Sul	2019	Tese
Renata Garcia Campos Duarte	Imprensa Operária e Educação: Debates e Demandas Educacionais dos Trabalhadores de Belo Horizonte (1897-1930)	Universidade Federal de Minas Gerais	Sudeste	2019	Tese
Ricardo Costa De Sousa	Instrução e circulação da palavra escrita: o caso do jornal O exemplo (Porto Alegre, RS, 1892-1930)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Sul	2019	Tese
Priscilla Samantha Barbosa Verona	A imprensa como instância educativa em Mariana, Minas Gerais na primeira metade dos Oitocentos: estratégias da escrita.	Universidade Federal de Minas Gerais	Sudeste	2020	Tese
Sandra do Rocio Ferreira Leal	Projeto paranaense de civilização nas páginas da revista Clube Curitibano (1890 – 1898)	Universidade Estadual de Ponta Grossa	Sul	2020	Tese
Regiane Hartmann Garcia	Imprensa e educação: um estudo histórico da educação na sociedade paranaense através da revista Clube Curitibano no final do século XIX e início do século XX (1890 - 1912)	Universidade Estadual de Ponta Grossa	Sul	2022	Tese